# Kikotemal Kipea Dzibukwa Et Xiwimeh Ointa Nai Sinakan

## DIVERSIDADE LINGUÍSTICA INDÍGENA: ESTRATÉGIAS DE PRESERVAÇÃO, SALVAGUARDA E FORTALECIMENTO

Newen Moriipenan

Gárti Mabir

IPHAN

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

# Diversidade linguística indígena: Estratégias de preservação, salvaguarda e fortalecimento

Iphan, Brasília, 2020



# Créditos

**Presidente da República do Brasil**
Jair Bolsonaro

**Ministro do Turismo**
Gilson Machado Neto

**Secretário Especial da Cultura**
Mário Luis Frias

**Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**
Larissa Peixoto

**Diretores do Iphan**
Arlindo Pires Lopes
Arthur Lázaro Laudano Bregunci
Marcelo Brito
Raphael João Hallack Fabrino
Tassos Lycurgo

**Departamento do Patrimônio Imaterial**
Tassos Lycurgo

**Coordenação-Geral de Identificação e Registro**
Deyvesson Israel Alves Gusmão

**Divisão Técnica de Diversidade Linguística**
Marcus Vinícius Carvalho Garcia

**Departamento de Cooperação e Fomento**
Raphael João Hallack Fabrino

**Divisão de Editoração e Publicações**
André Vilaron

**CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO**

**Organização**
Juliana Merçon, Marcus Vinícius Garcia, Thaís Werneck

**Fotografias**
Larissa Guimarães, Paulo Peters e Jessica Ribeiro

**Direção de Arte**
Ronaldo Nogueira

**Projeto Gráfico e diagramação**
David Arantes

**Diagramas e mapas**
Inara Vieira

**Logotipo INDL**
Diego Simas e Inara Vieira

**Produção Gráfica**
David Arantes
Ronaldo Nogueira

**Agradecimentos**
Ana Suelly Cabral, André Ramos, Edinéia Isidoro, Izabel Gobbi, Jorge Lopes, Mario Balthar, Mecia Soares, Vitor Merçon

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
www.iphan.gov.br
publicacoes@iphan.gov.br
diversidade.linguistica@iphan.gov.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Aloísio Magalhães, IPHAN - Sede

I59d

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).
Diversidade linguística indígena : estratégias de preservação, salvaguarda e fortalecimento / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. – Dados eletrônicos (1 arquivo PDF). – Brasília : IPHAN, 2020.

116 p.
Modo de acesso: www.iphan.gov.br
ISBN: 978-65-86514-24-7
1. Diversidade linguística. 2. Patrimônio cultural imaterial – salvaguarda. I. Título.

CDD 490

Elaborado por Odilé Mª M. Viana de Souza – CRB-1/2120

# Sumário

Apresentação ..... 09

Prefácio ..... 13

1. A diversidade linguística na América Latina Indígena .... 19

2. Diálogo intercultural: como ocorreu o nosso encontro .. 37

3. O que ajuda a fortalecer as línguas indígenas? ..... 55

4. O que dificulta a continuidade das línguas indígenas e o que causa essas dificuldades? ..... 63

5. Estratégias para o fortalecimento das línguas indígenas . 75

6. Diversidade linguística indígena: lições aprendidas e horizontes futuros ..... 89

7. Caixa de ferramentas: para continuar o diálogo ..... 97

8. Participantes do Encontro ..... 103



Kaqchikel Ab'i'
Ruma xwajin ri kitzij nute' nutata' pa nuxikin,
wakami nqakotz'ijaj qi' awik'in.

Man wetaman ta we ja rat yinak'waj chi näj chi naqaj,
we ja rïn yinuk'wan awichin chi paq'ij chi chaq'a'
pa taq nuch'ob'oj pa taq wachik'
xa xe wetaman chi jeb'ël nqak'waj qi' awik'in.

Kaqchikel es tu Nombre
A mis oídos llegaste un día como gotas de lluvia recia
en voz de papá y mamá
y a través de apapachos de los abuelos.

No sé si tú me llevas a mi o yo te llevo a ti,
pero nos llevamos bien,
cerca o lejos, ahora florecemos juntos.

**Ixsu'm Antonieta Gonzáles Choc**

Desde o início da invasão neste continente ameríndio,
as sociedades originárias sofreram um impacto muito grande
na sua língua, cultura e religião.
Os não indígenas não só invadiram a nossa terra,
como também invadiram a nossa cultura. (...)
A sociedade não indígena já passa mais de quinhentos anos
impondo suas práticas culturais aos povos originários
do país que foi chamado Brasil,
como se estes povos não tivessem cultura.

**Iram Káv Sona Gavião**

# Apresentação

*Hermano Fabrício O. Guanais e Queiroz*

A Assembleia Geral das Nações Unidas propôs o ano de 2019 como Ano Internacional das Línguas Indígenas e esta década na qual nos encontramos como a Década Internacional das Línguas Indígenas. O objetivo desta decisão é sensibilizar em escala global os Estados nacionais a evidenciarem a importância da diversidade linguística como aspecto primordial da diversidade cultural, de modo que expanda a consciência sobre a urgência em se preservar, revitalizar e fortalecer as línguas indígenas.

Neste contexto, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) promoveu, nos dias 5 e 6 de outubro de 2019, o I Encontro Internacional sobre Diversidade Linguística Indígena (I EIDLI), realizado no âmbito do II Congresso Internacional sobre Revitalização de Línguas Indígenas e Minoritárias (II CIRLIN), ocorrido na Universidade de Brasília, entre 1 e 4 de outubro de 2019.

Os resultados desse Encontro estão organizados nesta publicação. Aproveitamos a visibilidade do II CIRLIN para aproximar o IPHAN e os(as) pesquisadores(as), professores(as) e pensadores(as) indígenas no intuito de refletir, debater, diagnosticar e elaborar um conjunto de ações estratégicas que possam nortear políticas linguísticas sob o ponto de vista indígena. O evento ocorreu na Maloca - Centro de Convivência Multicultural dos Povos Indígenas da Universidade de Brasília, espaço de referência gentilmente cedido pelo coletivo de estudantes indígenas desta universidade.

O I EIDLI foi guiado pelo objetivo geral de fortalecer a diversidade linguística indígena por meio da troca de experiências, da análise de fatores que favorecem e dificultam a preservação das línguas indígenas e da criação conjunta de estratégias para o fortalecimento das línguas. Também buscou-se através deste Encontro: i. Oportunizar a troca de experiências entre pesquisadores(as), professores(as) e pensadores(as) indígenas brasileiros(as) com aqueles(as) vindos(as) de outros países da América Latina; ii. Proporcionar um canal de diálogo e de elaboração coletiva de propostas sobre políticas linguísticas a partir da perspectiva indígena; iii. Promover a aproximação e sensibilização de servidores(as) do Iphan com a temática da diversidade linguística.

O I EIDLI foi antes de tudo um encontro de perspectivas de diferentes povos sobre uma mesma questão: a salvaguarda das línguas indígenas. Nesse sentido, fomos confrontados(as) com visões, abordagens, práticas e políticas sobre a diversidade linguística. Percebe-se que se trata de um desafio comum, porém, com perspectivas plurais, que variam conforme as histórias, contextos sócio-políticos e cosmovisões. Deste modo, fomos apresentados a diferentes formas de lidar com a questão e a distintas propostas de estratégias para que as línguas indígenas continuem vivas. O evento contou com a participação de indígenas do Brasil, México, Guatemala, Peru e Chile.

Apesar de as realidades serem tão díspares, é comum entre os povos, relatos de silenciamento, de imposição de línguas hegemônicas, de contatos violentos, entre outras vulnerabilidades. Mas também observa-se que os povos indígenas demonstram muita força, resistência e criatividade na defesa de seus direitos linguísticos.

Essa publicação é orientada tanto às comunidades indígenas quanto à gestão pública, organismos não-governamentais e instituições acadêmicas que tenham interesse no tema da salvaguarda da diversidade linguística indígena. O material produzido oferece uma gama de estratégias pensadas coletivamente por pesquisadores(as), professores(as) e pensadores(as) indígenas da América Latina, baseadas em suas práticas, realidades, reflexões e desejos. Trata-se, portanto, de um documento produzido por muitas vozes que se ocupam, cada uma a seu modo, de trabalhar para que as línguas indígenas continuem existindo e sejam fortalecidas. O documento também aponta as possíveis causas que enfraquecem e colocam as línguas em risco de desaparecimento, possibilitando a compreensão das razões pelas quais, em diversos contextos, chegou-se ao estado atual de extrema vulnerabilidade da diversidade linguística indígena na América Latina. Esperamos que as muitas vozes presentes neste livro contribuam para o fortalecimento da diversidade linguística indígena no Brasil e em outros territórios ancestrais.

# Palabras como conjuro al silencio

*Yasnaya Elena A. Gil*

La diversidad en las que se pueden hallar las manifestaciones del lenguaje en la humanidad es sorprendente. En cada una de ellas es posible dar cuenta de las experiencias profundamente humanas con las que nos relacionamos con el mundo y con otras personas. En la actualidad se hablan entre seis y siete mil lenguas en el planeta y, si es sorprendente la cantidad y diversidad de estos sistemas lingüísticos, también impacta la velocidad con la que esta diversidad se está perdiendo. Según reportes de la UNESCO y de diversos especialistas, el lingüicidio está alcanzando niveles altamente preocupantes. Se calcula que, en menos de cien años, aproximadamente la mitad de las lenguas del mundo habrán desaparecido. La muerte de las lenguas no es un proceso natural, está acompañado de una violación sistemática de los derechos lingüísticos y derechos humanos de las comunidades que hablan las lenguas no hegemónicas. Cuando una lengua se encuentra en peligro de desaparición, significa que esta situación ha sido precedida por siglos de racismo contra personas en concreto que han tenido que soportar violencia física y psicológica que los obliga a ir dejando de hablar la lengua de su pueblo y comunidad. Detrás de la pérdida de las lenguas hay mucha violencia y dolor, no se trata de una simple sustitución de una lengua por otra sino de la imposición por medio de castigos concretos y desventajas estructurales que llevan al abandono de la lengua propia. Luchar por la revitalización lingüística significa luchar por los derechos humanos, por el derecho a vivir una vida libre de violencia y el derecho a no ser discriminados por el hecho de hablar nuestra lengua materna, cualquiera que ésta sea.



La muerte de las lenguas implica una falsa disyuntiva: no es necesario elegir entre una lengua y otra, pues el cerebro humano tiene la capacidad de aprender distintas lenguas y albergarlas al mismo tiempo; es un sistema de opresión que impulsa la idea de que, para aprender un idioma hegemónico, es necesario desplazar y olvidar la lengua propia de las culturas no hegemónicas del mundo.

Este proceso de desaparición ha sido particularmente impulsado por la ideología homogeneizante de los estados nacionales modernos. No es de sorprenderse de que, aproximadamente trescientos años después del comienzo de la creación de un mundo dividido en estados nacionales, la diversidad lingüística esté en peligro de desaparición. Según la Organización de las Naciones Unidas, existen poco más de 200 países en el mundo y en general, cada uno de ellos respalda una o pocas lenguas que reconoce como el vehículo de la administración del estado. Esto significa que la mayor parte de las seis mil o siete mil lenguas en el mundo quedaron encapsuladas dentro de estados nacionales que no respaldan, o que incluso han combatido, las lenguas distintas a la que el estado respalda. Por esta razón, se puede afirmar que las lenguas no están muriendo, las está matando la idea de que cada estado sólo puede reivindicar una lengua hegemónica, o algunas más, según cada país, que deberá ser impuesta a toda la población. Muchos de los discursos nacionalistas estatales ven en la diversidad lingüística una amenaza a los discursos de homogeneidad. Para la imposición de las lenguas hegemónicas, las lenguas distintas a las que reivindica el estado fueron etiquetadas

con rasgos despectivos y su uso fue narrado como el principal motivo del atraso y la pobreza de quienes las hablan, quitando así el énfasis en los sistemas de opresión y en el racismo como verdaderos causantes de la pauperización de los pueblos indígenas.

Las lenguas indígenas en la actualidad son aquellas que hablan pueblos y naciones que sufrieron un proceso de colonialismo y que, durante los procesos de conformación de los estados nacionales quedaron encapsulados, en la mayoría de los casos sin consulta, dentro de países en los que se impuso la ideología del monolingüismo como baluarte de la identidad nacionalista. La categoría "lengua indígena" es, entonces, sostenida por un rasgo político, por una posición en la historia y no como una categoría gramatical o cultural. Las lenguas indígenas pertenecen a cientos de familias lingüísticas con orígenes muy diversos y contrastantes, con rasgos gramaticales increíblemente variados, pero están unidas por el combate a su existencia que el colonialismo y los estados nacionales han implementado sistemáticamente a través de la historia.

Ante el riesgo de que el silencio inunde la gran diversidad de lenguas en el mundo, resulta necesario impulsar procesos de fortalecimiento lingüístico que contemplen todos los factores estructurales que colocan la diversidad lingüística en gran peligro. Creo que este proceso de resistencia debe articularse desde los pueblos indígenas y desde los contextos locales para después articular e intercambiar las experiencias. Para lograrlo tenemos que hablar, compartirnos palabras e ideas entre todas las personas, pueblos e iniciativas



preocupadas por la desaparición de las lenguas del mundo. Hay que conjurar el silencio con el que la muerte de las lenguas amenaza la diversidad linguística con nuestras reflexiones y con nuestras voces. Este proceso, tan necesario, fue el que tuvo lugar durante el "I Encontro Internacional sobre Diversidade Lingüística Indígena: Troca de experiências e estratégias para salvaguarda" (Primer Encuentro Internacional sobre la Diversidad Lingüística Indígena: Intercambio de experiencias y estrategias para la salvaguarda) los días 5 y 6 de octubre de 2019 en Brasilia, Distrito Federal; este encuentro se realizó en el marco del II Congresso Internacional sobre Revitalização de Línguas Indígenas e Minorizadas. Este primer encuentro internacional, tan necesario para los procesos de revitalización lingüística, fue organizado por el Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, la Universidade de Brasilia y la Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura en el marco del "2019 Ano Internacional das Línguas Indígenas". Gracias a esta iniciativa y a todas las personas que hicieron posible el encuentro, pudimos generar un conjunto de rutas estratégicas y herramientas para la lucha por el fortalecimiento lingüístico de las lenguas indígenas en riesgo de desaparición.

Durante dos días, una diversidad de activistas de la diversidad lingüística de distintas partes del continente, pertenecientes a 24 pueblos indígenas distintos, conjuramos la amenaza del silencio con nuestras palabras y experiencias en un intenso intercambio sobre las estrategias para frenar la desaparición de nuestras lenguas y analizar a detalle los factores que dificultan este proceso, así como aquellos que

lo favorecen. Uno de los objetivos más importantes fue crear estrategias en conjunto que serán de utilidad en los procesos de fortalecimiento que llevamos a cabo en nuestros contextos locales. La experiencia fue muy fructífera, la diversidad y el contraste de nuestros procesos particulares pusieron de relieve también las semejanzas de las situaciones que enfrentamos ante la amenaza que se cierne sobre la diversidad lingüística. Los retos compartidos nos llevaron a crear estrategias alimentadas por las ideas y experiencias de todas las personas que asistimos y que hacemos trabajo por las lenguas en contextos diversos. Por esta razón, agradezco la invitación a escribir estas palabras como prólogo a esta importante publicación que refleja estos intercambios que se dieron como un conjuro al silencio y como un deseo de larga vida a la diversidad de las lenguas indígenas. En la presente publicación se encuentran las ideas vertidas durante esos días de manera organizada, producto de una sistematización de las reflexiones, experiencias, retos y herramientas compartidas de manera generosa en esos días de octubre de 2019 por personas de pueblos indígenas y académicos aliados en la lucha por mantener viva la diversidad de las lenguas indígenas del mundo. Esta publicación es, además de una importante fuente de consulta e inspiración, una invitación abierta a todas las personas interesadas en seguir fomentando espacios como éste en donde podamos encontrarnos, en la palabra y el pensamiento, para continuar un trabajo sostenido por la vitalidad de uno de los elementos más importantes en la resistencia de los pueblos indígenas: nuestras lenguas.



Et

O todo, todo absoluto, tudo que existe ou vai existir.

# 01 A diversidade linguística na América Latina Indígena

# A diversidade linguística na América Latina Indígena

*"Somos lo que hablamos y hablamos lo que somos."*
*Bartomeu Meliá*

A diversidade linguística encontra-se ameaçada. Existem, atualmente, entre seis e sete mil línguas no planeta Terra. Cerca de 97% da população mundial fala apenas 4% delas, enquanto apenas 3% da população fala os 96% das línguas restantes. A grande maioria dessas línguas, majoritárias em termos absolutos, mas minoritárias quanto ao número de falantes, são faladas por povos indígenas. Estima-se que entre um terço e metade das línguas ainda faladas no mundo estarão extintas até o ano de 2050. Cerca de 90% das línguas desaparecerão até o final deste século[1] . As consequências da extinção das línguas são graves, diversas e irreparáveis, tanto para as comunidades locais quanto para a humanidade[2]. Essa percepção se encontra na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, elaborada em Barcelona, Espanha, em 1996, sob os auspícios da Organização das Nações Unidas Para Educação e Cultura (Unesco) e com a participação de representantes de povos originários de diversas regiões deste planeta.

Segundo este documento, a situação de cada língua é o resultado da confluência e da interação de múltiplos fatores políticos, jurídicos, ideológicos, históricos, ambientais, territoriais, econômicos e sociais. Salienta que, nesse sentido, existe uma tendência unificadora por parte da maioria dos Estados em reduzir a diversidade e, assim, favorecer atitudes adversas à pluralidade cultural e ao pluralismo linguístico. Portanto, a diminuição da diversidade linguística impacta diretamente as tradições culturais e os costumes dos povos autóctones, como também contribui para o enfraquecimento de seus processos de autodeterminação.

1. UNESCO, Atlas of the World's languages in Danger (Paris: UNESCO Publishing, 2010).

2. RODRIGUES, Aryon D. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. D.E.L.T.A., São Paulo, v. 9, n.



Junto com cada língua que desaparece ou que perde a sua vitalidade, findam formas de pensar e compreender o mundo e a vida em toda a sua complexidade. Esse patrimônio linguístico que guarda, preserva e projeta visões de mundo, memórias, sabedorias, filosofias e conhecimentos está desaparecendo em escala alarmante. A extinção de uma língua tem impacto imediato na perda de diversidade cultural, afinal cada língua possui os meios específicos, historicamente construídos, de se conceber, conhecer e agir sobre o mundo, incluindo a organização cognitiva de conhecimentos altamente técnicos associados ao modo de vida de cada povo[3].

Este breve panorama da diversidade linguística indígena na América Latina tem como principal fonte o "Atlas Sociolingüístico de Pueblos Indígenas en América Latina"[4] produzido no ano de 2009 pelas seguintes instituições: Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF); Agência Espanhola de Cooperación Internacional para el Desarollo; e Fundación para la Educación en Contextos de Multilingüismo y Pluriculturalidad (FUNPROEIB, Andes). Embora publicado há 11 anos, trata-se de um dos estudos mais completos e atuais sobre a diversidade linguística em nosso subcontinente. Abrange informações detalhadas sobre 21 países, contemplando realidades regionais como a Patagônia e Ilha de Páscoa, até o norte do México, passando ainda por diferentes áreas geográficas, como o Chaco Expandido, a Amazônia, a Orinoquia, os Andes, a Planície Costeira do Pacífico, o Caribe Continental, a Baixa América Central e a Mesoamérica. Este Atlas estima a existência de 522 povos e de 420 línguas indígenas[5].

3. Guia de Pesquisa e Documentação do Inventário Nacional da Diversidade Linguística - Volume 1: Patrimônio Cultural e Diversidade Linguística, p. 23.

4. https://www.unicef.org/tomo_1_atlas.pdf

5. Para a elaboração do Atlas, foram utilizados majoritariamente dados de censos nacionais oficiais e levantamentos realizados entre 2000 e 2008.

Ressalta-se que há divergências entre os especialistas com relação ao número total de línguas e de povos indígenas, sobretudo devido aos processos dinâmicos e crescentes de autorreconhecimento, reemergências étnicas e aprimoramentos das metodologias oficiais de mensuração. Por essas razões, outros organismos apresentam estimativas mais recentes que mostram números contrastantes, como, por exemplo, o Fondo para el Desarrollo de los Pueblos Indígenas de América Latina y El Caribe (FILAC), que estimou 626 povos indígenas; ou a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), que, em 2014, listou 826 povos indígenas.[6]

Entre 2000 e 2008, segundo os censos oficiais, foi mensurado que a população indígena na América Latina totalizava cerca de 28.858.580 indivíduos, enquanto a população total do subcontinente era de 479.824.248. Em publicação mais recente, a CEPAL estimou que em 2018 a população indígena da América Latina era de 58,2 milhões, de acordo com os critérios de autoidentificação para os últimos censos realizados em cada um dos países.[7] Com base nessas informações, projeta-se que a população indígena na América Latina seja em torno de 10% de sua população total.

Assim como as informações relativas às populações indígenas carecem de atualização e são apenas estimativas, o número de línguas indígenas na América Latina também é variável. Recentemente um dos autores do Atlas Sociolinguístico dos Povos Indígenas da América Latina apresentou novos dados sobre a situação das línguas indígenas na região, estimando-se 567 línguas, e não apenas 420.[8]

**6**. CEPAL, Os Povos Indígenas na América Latina: Avanços na última década e desafios pendentes para a garantia de seus direitos (Santiago, Chile: CEPAL, 2014). https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/37773/1/S1420764_pt.pdf

**7**. CEPAL, Los pueblos indígenas de América Latina – Abya Yala y la Agenda 2030 para el Desarrollo Sostenible (Santiago, Chile: CEPAL, 2020). https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45664/51/S2000125_es.pdf

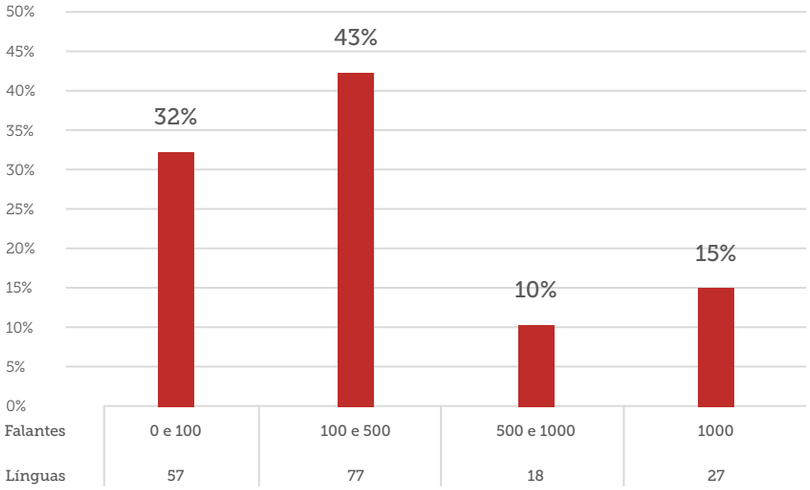
**8**. Situación general de las lenguas indígenas y políticas gubernamentales en América Latina Y el Caribe - Conferencia magistral ante el Congreso Regional sobre Lenguas Indígenas en América Latina y el Caribe, Cuzco, Perú, 25 a 27 septiembre 2019 – Luis Enrique López, con la colaboración de Carlos Callapa.



Especificamente em relação ao Brasil, o estudo mais recente propõe que são faladas atualmente pelo menos 160 línguas indígenas.[9] Este dado se contradiz com os números oficiais divulgados no Censo IBGE/2010, que sugeriu a existência de mais de 200 línguas distintas. Essa distorção se explica devido ao caráter inclusivo do Censo, que acolheu os conceitos sobre língua materna conforme resposta espontânea dos indivíduos entrevistados.

Entretanto, os dados do Censo IBGE/2010, analisados sob a perspectiva estatística, apresentam instrutivo panorama sobre a vulnerabilidade das línguas indígenas no Brasil, quando projetamos a relação entre o número de línguas e a quantidade de falantes dessas línguas. Se utilizarmos como referência o quantitativo de 180 línguas indígenas, visto que se trata de um número aceitável entre os especialistas, temos o seguinte gráfico:

**9**. D'ANGELIS, Wilmar R. (2019). Revitalização de Línguas Indígenas: O que é? Como fazemos? Campinas: Ed. Curt Nimuendajú, p. 22-23.




Fonte: Censo IBGE 2010

A partir dessa ilustração pode-se observar, por exemplo,que cerca de 75% das línguas - ou seja, 137 - são faladas por populações de até 500 falantes; que apenas 15% das línguas indígenas são faladas por populações com mais de 1000 indivíduos; e que cerca de 1/3 das línguas indígenas - ou seja, 57 línguas - possuem até 100 falantes somente.

Cerca de um quinto dos povos indígenas deixou de falar sua língua materna nas últimas décadas na América Latina. À época da publicação do Atlas Sociolinguístico dos Povos Indígenas da América Latina, das 313 línguas indígenas, cujos dados são confiáveis, 76% delas - ou seja, 239 línguas - eram faladas por um conjunto de pessoas entre pelo menos dois até o máximo de 9.999 falantes. Esses dados confirmam o que é observado no Brasil: há grande diversidade de povos e línguas indígenas em termos absolutos, entretanto, proporcionalmente, quantitativo bastante reduzido de falantes de cada uma dessas línguas.

Países como Colômbia, Venezuela e Argentina se assemelham ao Brasil nesse sentido, contando com 65, 37 e 15 línguas indígenas respectivamente, porém com baixa demografia indígena em nível nacional (entre 3,3% e 1,6%). Como contraponto, em outro extremo, podemos mencionar a região andina, que compreendem Bolívia, Peru e Equador, onde 4 línguas indígenas originárias são faladas por cerca de 7 e 8 milhões de indivíduos. Comparando-se a diversidade linguística com o número de falantes de cada língua, percebe-se uma situação preocupante, pois na maioria dos casos, na América Latina, estamos diante de línguas faladas por populações menores que 5.000 indivíduos, com a exceção de cinco línguas, que são faladas por mais de um milhão de indivíduos.

Realizadas tais considerações, apresentamos a seguir um breve quadro-síntese sobre a diversidade linguística na América Latina:

- Os povos indígenas da região falam mais de 500 línguas diferentes. Em comparação com outras regiões do mundo, a América Latina não é a que possui maior número de línguas. No entanto, o que é notável na região latino-americana e que a destaca é o fato dela possuir a maior quantidade de famílias linguísticas no mundo.

- Contabilizam-se 99 famílias linguísticas na América Latina.

- A família Arawak reúne mais de 40 línguas diferentes, faladas em 17 países, de Belize ao Paraguai e até o norte da Argentina.

- 30 línguas não pertencem a uma família específica (línguas isoladas).

- Mais de 100 línguas são transfronteiriças ou faladas em mais de um país. Destaca-se o caso do Quechua, com falantes em 6 países: Argentina (Quichua), Bolívia (Quechua), Chile (Quechua), Colômbia (Ingano, Quechua), Equador (Kichua), Peru (Quechua). Outros exemplos: Aymara/Aimara na Bolívia, Peru, Chile e Argentina; Garífuna na Nicarágua, Honduras, Guatemala e Belize; o Bribri no Panamá e Costa Rica; o Wayuunaiki na Colômbia e Venezuela.

- O maior número de línguas indígenas em termos absolutos concentra-se na Amazônia, e o menor número nos Andes. Essa diferença também pode ser observada entre as terras altas e as planícies da Mesoamérica.

- São faladas na Amazônia por volta de 280 línguas; Andes, 7 línguas; Terras Altas da Mesoamérica, 75 línguas; Planícies da Mesoamérica, 3 línguas;

- Andes e Mesoamérica possuem altas concentrações de população falante de línguas originárias, totalizando mais de 80% do total de falantes de línguas indígenas na América Latina.



- Segundo o Instituto Nacional de Estatística e Geografia do México, há aproximadamente 7 milhões de falantes de línguas indígenas no país, dentre os quais cerca de 15% são monolingues em línguas originárias.

- El Salvador possui aproximadamente 200 falantes de línguas indígenas.

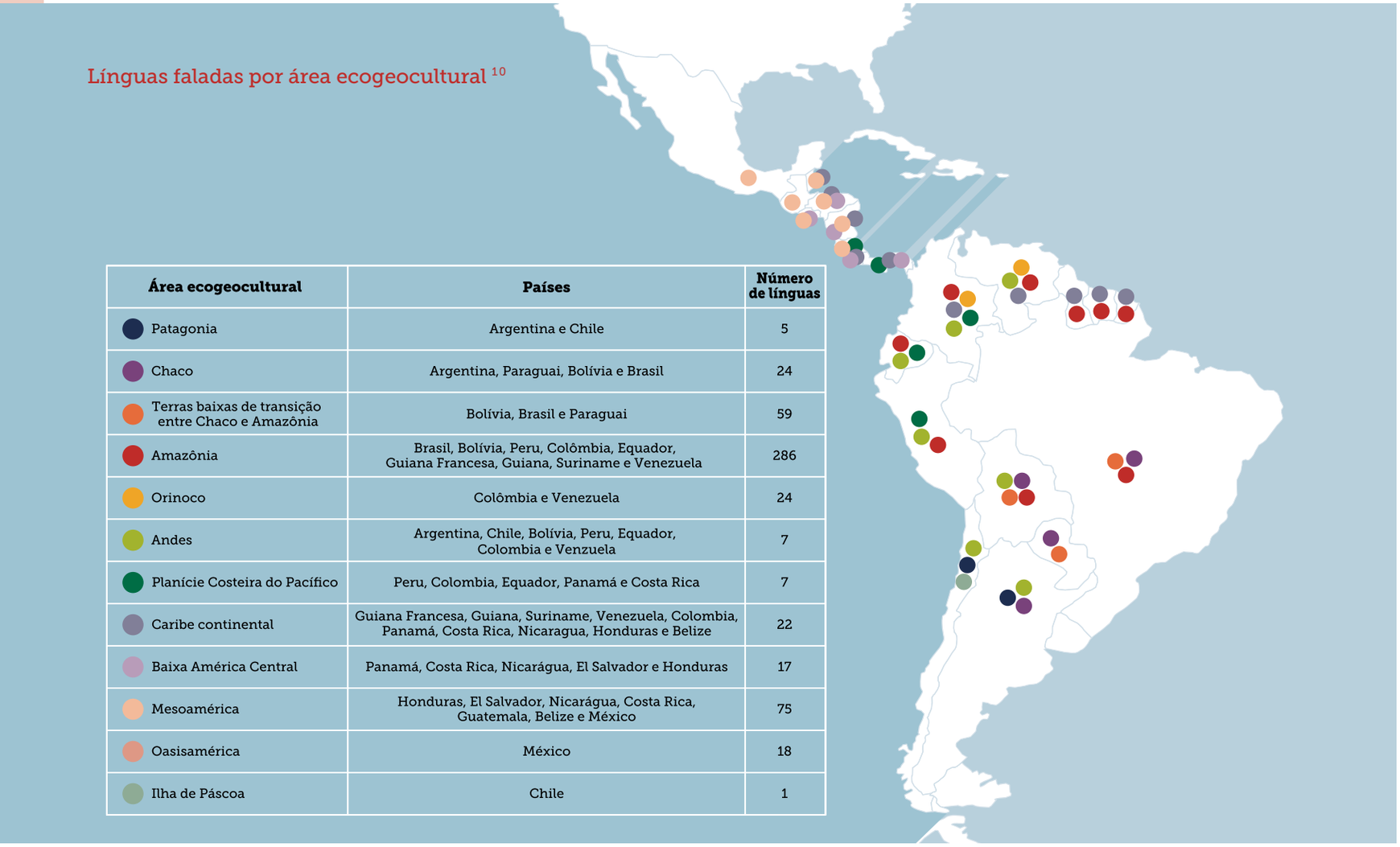
- As Terras Altas da Bolívia possuem aproximadamente 4 milhões de falantes, e as planícies bolivianas cerca de 150 mil.

- Os países com a maior diversidade linguística da América Latina são: Brasil (180), México (68), Colômbia (65), Peru (48), Venezuela (37) e Bolívia (33).

- Os países com menor diversidade linguística são: Guiana Francesa (6), Honduras (6), Nicarágua (6), Suriname (5), Belize (4), El Salvador (1).

- Cuba, República Dominicana, Uruguai e Caribe insular não possuem línguas indígenas atualmente faladas.

## Línguas faladas por área ecogeocultural [10]



| Área ecogeocultural | Países | Número de línguas |
|---|---|---|
| Patagonia | Argentina e Chile | 5 |
| Chaco | Argentina, Paraguai, Bolívia e Brasil | 24 |
| Terras baixas de transição entre Chaco e Amazônia | Bolívia, Brasil e Paraguai | 59 |
| Amazônia | Brasil, Bolívia, Peru, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Guiana, Suriname e Venezuela | 286 |
| Orinoco | Colômbia e Venezuela | 24 |
| Andes | Argentina, Chile, Bolívia, Peru, Equador, Colombia e Venzuela | 7 |
| Planície Costeira do Pacífico | Peru, Colombia, Equador, Panamá e Costa Rica | 7 |
| Caribe continental | Guiana Francesa, Guiana, Suriname, Venezuela, Colombia, Panamá, Costa Rica, Nicaragua, Honduras e Belize | 22 |
| Baixa América Central | Panamá, Costa Rica, Nicarágua, El Salvador e Honduras | 17 |
| Mesoamérica | Honduras, El Salvador, Nicarágua, Costa Rica, Guatemala, Belize e México | 75 |
| Oasisamérica | México | 18 |
| Ilha de Páscoa | Chile | 1 |

**10.** Fonte: López, Luis Enrique. 2019 – Situación general de las lenguas indígenas y políticas gubernamentales en América latina y el Caribe - Conferencia magistral ante el Congreso Regional sobre Lenguas Indígenas en América Latina y el Caribe, Cuzco, Perú, 25 a 27 septiembre 2019 - https://www.researchgate.net/publication/336146115_Situacion_general_de_las_lenguas_indigenas_y_politicas_gubernamentales_en_America_Latina_y_el_Caribe

## A diversidade linguística na esfera pública

Em âmbito global, podemos listar alguns marcos normativos multilaterais que mencionam a importância da diversidade linguística e dos direitos linguísticos dos povos indígenas: Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre povos indígenas e tribais (1989); Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996); Declaração de Durban contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Relacionadas de Intolerância (2001); Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (2003); Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (2005); Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas (2007); Declaração Americana sobre os Direitos dos Povos Indígenas (2016); Declaração do Ano Internacional dos Povos Indígenas, aprovada pela Assembleia Geral da ONU (2017).

Alguns países da América Latina produziram leis, normativas e instituições dedicadas aos direitos linguísticos indígenas. Em termos de legislações nacionais, de 1985 a 2017, todos os países -- exceto Belize, Chile, Guiana Francesa e Honduras --, elaboraram algum tipo de reconhecimento formal das línguas indígenas. Em alguns países foram criadas normas específicas para os direitos linguísticos, como Nicarágua (1993), México (2003), Guatemala (2003), Venezuela (2008), Brasil (2010), Colômbia (2010), Panamá (2010), Paraguai (2010), Peru (2011) e Bolívia (2012).

Também foram criadas iniciativas institucionais públicas específicas com o objetivo de salvaguardar e promover o uso das línguas indígenas nos seguintes países: Guatemala: Academia de Lenguas Mayas de Guatemala (1990); México: Instituto Nacional de Lenguas Indígenas, INALI (2003), Brasil: Inventário Nacional da Diversidade Linguística - INDL (2010); Paraguai: Secretaria de Políticas Lingüísticas (2010); Equador:Instituto de Idiomas, Ciencias y Saberes Ancestrales (2011-2018); Bolívia: Instituto Plurinacional de Estudio de Lenguas y Culturas, IPELC (2012); Venezuela: Instituto de Idiomas Indígenas (2015); e Peru: Dirección de Lenguas Indígenas (2013) e Instituto Peruano de Lenguas Indígenas (2019).

Embora existam iniciativas por parte dos estados nacionais em relação ao reconhecimento de direitos linguísticos, observou-se entre os participantes do Encontro, que grande parte dos projetos de revitalização, preservação e promoção de suas línguas são realizados por iniciativa dos próprios povos indígenas, de modo que ainda carecem de mais apoio do poder público.

## A diversidade linguística no âmbito das políticas de cultura e de patrimônio cultural no Brasil

A Constituição Federal de 1988 menciona textualmente o tema das línguas faladas no Brasil em dois momentos: no Artigo 13, quando afirma ser a língua portuguesa o idioma oficial da República; e no Artigo 231, sobre os direitos indígenas, quando reconhece a "organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens".

O reconhecimento constitucional do direito de se falar a língua indígena materna é uma inovação trazida pela Carta Magna, reafirmando o caráter pluricultural e multilinguístico do Brasil, acenando assim para uma reconfiguração do conceito de cidadania no país.

A sociedade brasileira é hegemonicamente monolíngue. Um dos principais motivos da dominação da língua portuguesa é a imposição histórica por parte do Estado Brasileiro de políticas educacionais, entre outras, que restringem e desestimulam as comunidades linguísticas minoritárias, como, por exemplo, as comunidades indígenas e as comunidades descendentes de imigrantes. No caso dos povos indígenas, a situação é mais dramática e complexa, visto que se trata de grande quantidade de línguas em termos absolutos, mas que são faladas atualmente por um contingente populacional pequeno em relação ao restante da população.

Nas últimas duas décadas, sob inspiração do espírito democrático inerente à Constituição Federal de 1988, tem havido grande mobilização de comunidades linguísticas, de pesquisadores e de gestores públicos no sentido de associar a preservação das línguas enquanto temática inerente às políticas de cultura, mais especificamente na esfera do chamado patrimônio cultural imaterial. Essa mobilização motivou a criação do Decreto 7.387/2010, que instituiu o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), para identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Esta missão deve ser compartilhada entre as comunidades e os entes federativos: União, Estados, Municípios e o Distrito Federal.

O INDL nasce como política que almeja ter abrangência interministerial. Seu objetivo principal é valorizar o multilinguismo, apoiar os processos sociais e políticos que visem à promoção e divulgação das línguas. Outra vertente dessa política é mapear, caracterizar e diagnosticar as diferentes situações relacionadas à diversidade linguística no país, além da elaboração de um sistema para gestão e divulgação de informações sobre as línguas. Pretende-se também fomentar e apoiar a sustentabilidade, transmissão e preservação das línguas mais vulneráveis, como é o caso das línguas indígenas, cuja quantidade total de falantes atualmente no país não chega sequer a um milhão de indivíduos, conforme demonstrou o Censo IBGE/2010.

Um dos principais desafios para o reconhecimento das línguas minoritárias é constituir, com isso, direitos, bem como elaborar estratégias que visem instrumentalizar as comunidades na preservação e na transmissão de seu patrimônio linguístico. A abordagem que o IPHAN vem desenvolvendo para lidar com a complexidade desse tema é pautada pela autodeclaração, mobilização e anuência das comunidades. Trata-se de uma estratégia voltada para a percepção do fenômeno linguístico e sua correlação com aspectos sociopolíticos, ambientais e culturais.

Consideramos que ainda há um longo caminho a ser percorrido no campo das políticas relacionadas à diversidade linguística no Brasil. Apesar do digno esforço mobilizado pelas diversas instituições, como universidades,

institutos de pesquisas, museus, organizações da sociedade civil e comunidades linguísticas, é necessário implementar uma espécie de força-tarefa que atue de modo coordenado, para promover e ampliar a sensibilização e o conhecimento sobre as línguas faladas no país. O Brasil precisa se perceber enquanto um país multilíngue, para que o tema se torne uma realidade a ser considerada na formulação de políticas públicas que venham a se adequar à nossa complexidade étnica.

A produção de conhecimento e a documentação sobre as línguas é fundamental, pois parte considerável da diversidade linguística no Brasil não foi suficientemente documentada e estudada. A maioria das línguas existentes passa por extrema vulnerabilidade, motivo pelo qual é estratégica a realização de pesquisas que permitam não só gerar acervos, mas também produzir diagnósticos para subsidiar a implantação de ações de fortalecimento, de revitalização, de inclusão digital e de salvaguarda. Essas medidas são, contudo, ineficazes se não houver o protagonismo, adesão, interesse e participação das comunidades linguísticas. Por isso a importância de incluir estudiosos(as), pesquisadores(as) e professores(as) indígenas na formulação de políticas linguísticas.

Nesse sentido, o I Encontro Internacional sobre Diversidade Linguística Indígena (I EIDLI) possibilitou que indígenas de diferentes países e povos refletissem e fizessem diversas indicações de ações que venham a contribuir para o fortalecimento e salvaguarda das línguas indígenas. Algumas dessas ações devem ser promovidas pelas próprias comunidades, seus líderes e organizações, mas há também aquelas que dependem do apoio do poder público para que tenham êxito, como no caso dos processos de cooficializações de línguas, dos projetos realizados em espaços formais de educação, ou aqueles que possuam interface com a administração pública, acesso à justiça, entre outros.

Foram feitas indicações relacionadas a diversas esferas da vida que são permeadas e sustentadas pelos usos das línguas, além de uma análise sobre os fatores que colocam as línguas indígenas em condição de assimetria, subalternidade, risco de desaparecimento e que impedem ou dificultam o seu florescimento. O conteúdo resultante do I EIDLI constitui uma efetiva fonte de informação e inspiração para que políticas públicas e comunitárias venham a ser implementadas com o objetivo de garantir a existência e a transmissão das línguas indígenas no Brasil.



kikotemal

Sentimento de alegria,
alegria que se sente
quando se tece ou borda.

# 02 Diálogo intercultural: como ocorreu o nosso encontro

# Diálogo intercultural: como ocorreu o nosso encontro

A palavra 'diálogo' vem da língua grega. No coração desse termo está a noção de 'logos', que significa pensamento e palavra. O prefixo 'dia' indica o movimento de atravessar ou ir de um lado a outro. O pensamento-palavra, que viaja do dizer ao escutar e da escuta até uma nova palavra, carrega sentidos, que são tanto entendimentos como sentimentos. O diálogo é um lugar de encontro desses sentidos e é também o que permite que surjam novos significados e sentidos. Quando compartilhamos pensamentos-palavras sobre nossas experiências por meio do diálogo, comunicamos (ou colocamos em comum) os sentidos das nossas experiências. Também oferecemos elementos para que novos significados e sentires surjam do encontro com outros pensamentos, com outras palavras. O I Encontro Internacional sobre Diversidade Linguística Indígena: Troca de experiências e estratégias para salvaguarda (I EIDLI) se configurou como um grande diálogo intercultural no qual convergiram sentidos diversos sobre experiências de salvaguarda e fortalecimento de línguas indígenas em diferentes lugares do Brasil e da América Latina.

Entre os princípios que guiaram o I EIDLI como diálogo intercultural, estão o respeito e celebração da diversidade, a escuta atenta e a palavra cuidadosa, a abertura à aprendizagem e à transformação de ideias e práticas em prol das línguas indígenas. O diálogo em um trabalho dedicado a fortalecer as línguas indígenas se espelha aqui como conteúdo, forma e aspiração: é o objeto das nossas atenções, é o que experienciamos no I EIDLI e é também o que desejamos que ocorra dentro dos territórios indígenas, entre comunidades indígenas e diferentes setores da sociedade, entre pessoas de diferentes visões de mundo e formas de vida.

No I EIDLI, contamos com a participação de seis indígenas de povos cujos territórios estão no México, Guatemala, Peru e Chile (Náhua, Ayuujk, Maya Chalchiteko, Maya Kaqchikel, Shipibo-Konibo y Mapuche); e vinte indígenas provenientes de dezesseis povos do Brasil (Guató, Kokama, Djeomitxi, Baniwa, Piratapuia, Macuxi, Tikuna, Ikólóéhj-Gavião, Wapichana, Fulni-ô, Tenetehara/Guajajara, Kariri-Xocó, Tupinambá, Terena, Guarani Kaiowá). Isto pode ser visualizado no mapa de experiências (Figura X). Breves notas biográficas sobre os(as) participantes indígenas estão incluídas ao final desta publicação.

A equipe que conduziu as atividades do evento foi formada por servidores do IPHAN, da Universidade Federal de Roraima e da Universidade Veracruzana do México, distribuída da seguinte maneira: Seis facilitadores(as), seis relatoras e uma pessoa encarregada da documentação fotográfica.




Mapa gráfico com resultados da atividade realizada por participantes indígenas. Cada participante incluiu em uma tarjeta o seu nome, língua materna e país de procedência.

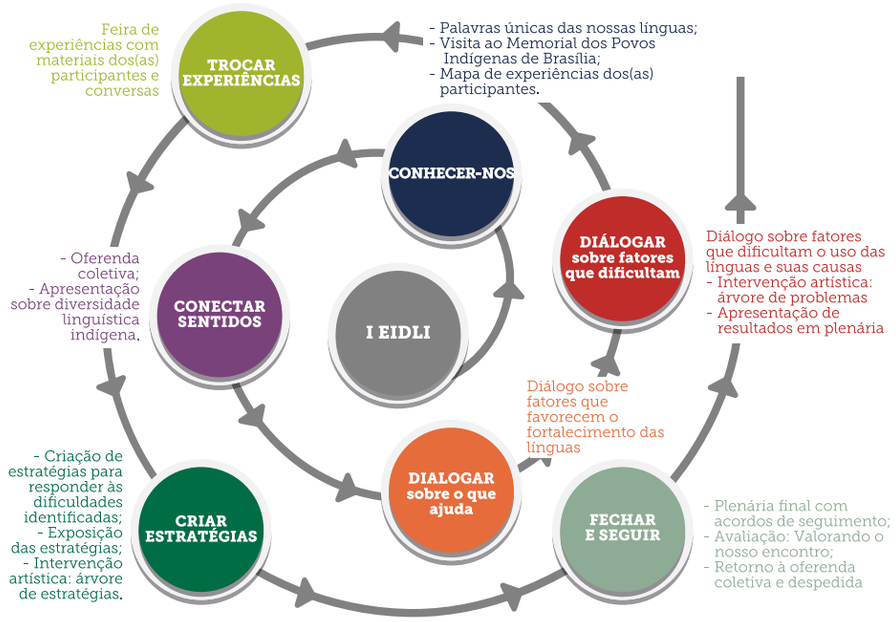
## Uma metodologia para o diálogo intercultural

Com o objetivo geral de fortalecer a diversidade linguística por meio da troca de experiências, da análise de fatores que favorecem e dificultam a preservação das línguas indígenas e da criação conjunta de estratégias para o fortalecimento das línguas indígenas, o I EIDLI se baseou em uma metodologia dialógica composta por diferentes etapas e atividades transcorridas ao longo de dois dias de encontro.

A seguir, descrevemos sucintamente algumas das atividades realizadas e seus resultados para, nos tópicos subsequentes, concentrarmo-nos nas ideias derivadas dos diálogos sobre os fatores que promovem e os que dificultam a preservação das línguas indígenas, bem como nas causas destes fatores e as estratégias para o fortalecimento das línguas indígenas.

## Conhecendo-nos: palavras únicas das nossa línguas indígenas

Com o propósito de favorecer a integração do grupo, solicitou-se a cada participante que pensasse em uma palavra favorita de sua língua indígena, cujo significado não era facilmente traduzível ao português ou espanhol. Cada participante escreveu sua palavra em uma folha de papel para em seguida expor ao grupo a palavra escolhida.




Principais etapas e atividades do Encontro.

| PALAVRA | SIGNIFICADO | PARTICIPANTE |
|---|---|---|
| Newen | Força interior, força vital. A importância dessa palavra se dá porque a força é importante pra enfrentar as guerras percorridas. Coisas e pessoas podem trazer essa qualidade de força. | Victor Naguil |
| Xiwimeh | Mulher que cura, centelha, bola de fogo. Se relaciona a uma mulher que cura a população, sana, ajuda. Pela noite essa mulher se transforma numa bola de fogo e salva pessoas das mazelas. Com a colônia, essa palavra passou a referir-se às bruxas. | Gabriela Citlahua |
| Kadakawalli | É o nome do participante em sua língua materna, seu nome próprio. | Edilson Martins Melgueiro |
| Kikotemal | Sentimento de alegria, alegria que se sente quando se tece ou borda. | Antonieta Ixsum |
| Moriipenan | Saudação com pergunta: "Você está bem?" | Ezequiel Barroso |



| PALAVRA | SIGNIFICADO | PARTICIPANTE |
|---|---|---|
| Nai | Céu, mundo maravilhoso, pela cosmovisão é onde vão os entes queridos | Ketty Janeth Gonzales Cervantes |
| Sinakan | Nome de grande guerreiro Maia. | Juan Castro |
| Et | O todo, todo absoluto, tudo que existe ou vai existir | Yasnaya Aguilar |
| I tho kheta | Início da mirada ou pai, aquele que vem antes. O pai representa o início da mirada, o começo do olhar daquele que chega ao mundo | Maike Torres |
| Yamukatur | Lugar de guardar | Cíntia Guajajara |
| Ointa | Como está você? Como dormiu? | Nayra Pereira |
| Gárti | Lua, alma do sol, mãe do sol, espírito do sol | Iran Gavião |
| Mabir | Estrela | Alessandra Alves de Arruda |
| Kipea dzibukwa | Boa noite. | Nildes Kariri-Xocó |

## Abertura com oferenda coletiva

Para a realização da oferenda coletiva de abertura do Encontro, pedimos aos participantes posicionados em círculo que se dirigissem ao centro e depositassem o objeto que levaram como símbolo do trabalho que realizam para proteger e fortalecer suas línguas maternas. Cada pessoa disse o seu nome e, em seguida, deixou o objeto no centro do círculo, sobre uma tela colorida, comentando ao grupo os significados daquela oferenda.





Mandala de oferendas coletivas



## Feira de experiências

Para iniciar as atividades do segundo dia, os(as) participantes expuseram materiais que trouxeram para ilustrar as iniciativas com as quais estão envolvidos. Na área central da Maloca, colocaram os materiais sobre telas coloridas, falaram e escutaram sobre as diferentes iniciativas, além de trocar materiais diversos.





Feira de troca de experiências sobre fortalecimemento de línguas indígenas




Maya´
Kaqchikel
Nimatijob'äl
Universidad
Maya
Kaqchikel
UMK


KUTIPA/KANUPARITA
Yawati Tinin
Yabsi ikira
Kururu Waina
YAWATI TININ
Jabuti Branco
KUNUMI UMARI
PUKA WAINA
Mulher Tartaruga


SHIPIBO KOSHI
SHINANYABO
JONIBO


O SOPRO DA VIDA


ARTESANIA INDÍGENA




## Fechamento com retorno à oferenda coletiva

Próximo ao encerramento do evento, os participantes retornaram à oferenda posicionada no centro do pátio interno da Maloca. Em círculo, uma pessoa de cada vez dirigiu-se ao espaço com as oferendas para retirar um objeto diferente daquele que havia ofertado e dizer ao grupo quais foram algumas das aprendizagens e reflexões que poderia levar consigo deste encontro. Todos(as) retiraram algo e compartilharam suas palavras.





Roda de Encerramento.

O I EIDLI se configurou como um intenso e produtivo diálogo intercultural, com trocas significativas de conhecimentos e experiências orientadas ao fortalecimento da diversidade linguística. Os desafios metodológicos e organizativos foram diversos, entre eles, a falta de tempo para aprofundar na reflexão coletiva referente a vários aspectos abordados e para realizar mais atividades artístico-culturais que nos permitiriam comunicar através de outras linguagens. Também destacamos a dificuldade de gerar, em apenas dois dias, o ambiente necessário para que houvesse uma participação igualitária entre as distintas vozes. Se, por um lado, o desafio de uma facilitação sensível para gerar formas mais horizontais de troca de saberes se faz presente em toda experiência dialógica, por outro, a confluência da enorme diversidade de formas de vida e pensamento que caracterizou o I EIDLI implicou um esforço intensificado para a escuta dessas diferenças manifestadas nos sentidos das palavras e também em como estes se constroem e se enunciam. Finalmente, outro desafio presente durante o nosso encontro foi o cansaço dos participantes, pois estiveram vinculados previamente às atividades do II Congresso Internacional sobre Revitalização de Línguas Indígenas e Minoritárias, no qual também apresentaram trabalhos e participaram ativamente.

Apesar destes e de muitos outros desafios, o I EIDLI superou as expectativas da equipe organizadora. Outros encontros que objetivam fortalecer a diversidade linguística através dos conhecimentos e experiências de pessoas que estão diretamente implicadas com a salvaguarda das línguas indígenas encontram no I EIDLI um exemplo inspirador. A necessária contextualização dos objetivos e adaptação da metodologia a novas propostas contribuem para manter vivo o diálogo que caracteriza este tipo de iniciativas. Encontros como o I EIDLI podem ocorrer em aldeias e comunidades, escolas, organizações da sociedade civil e instituições públicas. Os resultados compartilhados nos próximos capítulos atestam a importância deste tipo de diálogo intercultural para o fortalecimento da diversidade linguística.



# Newen

Força interior, força vital. A importância dessa palavra se dá porque a força é importante para enfrentar as guerras percorridas. Coisas e pessoas podem trazer essa qualidade de força.

## 03 O que ajuda a fortalecer as línguas indígenas?

# O que ajuda a fortalecer as línguas indígenas?

O uso cotidiano das línguas indígenas é fundamental para a sua existência e reprodução vigorosa e criativa pelas próximas gerações. Este uso abarca diversas dimensões da vida e pode ser fortalecido por uma série de medidas que derivam da atenção e intenção de indivíduos e grupos sociais. O primeiro grande diálogo realizado durante o I Encontro Internacional sobre Diversidade Linguística Indígena teve como propósito ativar a reflexão sobre as múltiplas maneiras de fortalecer as línguas indígenas. A importância desse exercício reflexivo transcende os possíveis efeitos para os(as) participantes do diálogo, ao expressar-se também no aprendizado que podemos todos(as) derivar de suas ideias.

Em cinco grupos de diálogo, com a presença, em cada grupo, de seis participantes de diferentes povos indígenas, um(a) facilitador(a) e uma relatora, foi perguntado quais os fatores que favorecem o uso e o fortalecimento das línguas indígenas. Os(as) participantes escreveram várias respostas (cada uma delas em uma tarjeta distinta), sem a intervenção das outras pessoas. Posteriormente, foram compartilhadas as respostas e comentados todos os resultados individuais. Os resultados dos diferentes grupos aparecem abaixo. As respostas do quinto grupo aparecem em espanhol, pois esta é a língua oficial em comum falada pelos integrantes deste grupo. Optamos por manter as respostas em sua integralidade, sem categorizá-las ou alterar o significado dos textos, de modo que  seja evidenciada a diversidade de conteúdos e de formas.



## Fatores que favorecem o uso e fortalecimento das línguas indígenas

| Grupo 1 |
| --- |
| • Inserir a história de cada povo no currículo escolar |
| • Usar a língua no cotidiano, na família |
| • Valorizar a oralidade |
| • Trabalhar conhecimentos culturais com as crianças |
| • Desenvolver oficinas sobre políticas de educação indígena nas aldeias |
| • Documentar os mitos e os rituais |
| • Valorizar as artes indígenas como parte do aprendizado |
| • Trabalhar pintura corporal e seus significados |
| • Promover jogos e brincadeiras |
| • Elaborar projetos voltados à realidade do povo indígena |
| • Produzir materiais para a comunidade e alunos de todas as modalidades |
| • Inserir a escrita na língua na educação infantil |
| • Escrever músicas e gravá-las |
| • Fazer registro de textos orais |
| • Realizar rituais com a comunidade |

## Grupo 2

- Dar espaço para uso das diferentes línguas nos canais de mídia nacionais
- Manter identidade cultural e despertar interesse entre os jovens
- Compatilhar mais os conhecimentos
- Preservação: respeitar, cuidar e criar meios e formas de reconhecer, conservar, investir na preservação dos patrimônios indígenas
- Produzir material linguístico escrito e oral, sobretudo de línguas minorizadas
- Produção de história oral: a oralidade é uma forma de transmissão de uma língua
- Garantir a demarcação de territórios indígenas
- Produzir mais Materiais didáticos nas línguas
- Identidade e manutenção da língua por uso na sociedade
- Reconhecer antes de tudo que há línguas diferentes, que elas existem, sobretudo as minorizadas
- Reconhecimento e valorização das línguas indígenas
- Valorização dos povos indígenas, reconhecimento dos direitos constitucionais
- Troca e contribuição linguísticas diante de outras culturas
- Estudar as línguas e dar visibilidade aos resultados obtidos

## Grupo 3

- União do povo em prol da vitalização da língua
- Envolvimento da comunidade na elaboração de material pedagógico
- Reunião com os rituais
- Participação da família
- Conversa sobre a vida para aprender e conhecer mais palavras na língua
- Identificar os fluentes da língua do local para ensinar na escola desde os primeiros anos
- Pesquisar a história
- Espaços criados na aldeia para vitalizar a língua
- Encontrar pessoas falantes de línguas de mesma família linguística para promover intercâmbio
- Compartilhar conhecimentos sobre a língua: falar em todos os espaços
- Disponibilidade para aprender e ensinar
- Estudar na escola a língua materna
- Ouvir e praticar através da música
- Materiais didáticos em suportes físico e digital
- Produção de Material de mídia
- Produção de material em língua materna e sua prática
- Valorização dos saberes dos anciãos e participação deles na escola
- Contar com professores na área para ajudar



## Grupo 4

- Diálogo contínuo sobre língua
- Reforçar o protagonismo da oralidade
- Interação com os mais velhos da comunidade
- Fortalecer tradições indígenas e nossa cultura (como músicas e danças)
- Fomentar o sentimento de orgulho da identidade étnica
- Conscientização de não-indígenas para a valorização das culturas indígenas
- Espaços de troca e aprendizagem
- Calendário e projeto político pedagógico específicos
- Colocar nome dos objetos de não-indígenas na língua materna
- Participação ativa nos rituais, costumes, tradições
- Ampliar os Encontros indígenas como esse e outros (ex: Acampamento Terra Livre)
- Apoio financeiro pelos governos municipal, estadual e federal
- Reconhecimento de línguas indígenas pelo Estado brasileiro
- Formação de docentes indígenas por etnia
- Criar material específico na língua materna
- Registro escrito da língua
- Presença de palavras de línguas indígenas em nosso cotidiano (nome de comidas, rios, cidades, artefatos, animais e outros)
- Valorização das línguas indígenas pelos próprios indígenas
- Construção do planejamento linguístico indígena

## Grupo 5

- Capacidad suficiente para movilizar los recursos económicos propios
- Uso de nuevas tecnologías: El uso de nuevas tecnologías puede ayudar a ampliar los espacios de uso de las lenguas indígenas
- Conciencia de la posición relevante de la lengua en la identidad propia
- El desarrollo de los medios de comunicación masivo y la tecnología y su acceso
- Promover la lengua mediante los medios de comunicación
- Leer en la lengua
- Adaptación a nuevas herramientas (musica rap, juegos electrónicos)
- TICS/academia. Las redes sociales se han convertido en espacios donde se puede usar las lenguas. Adaptación
- La población hablante está viva, transmitiendo la lengua de distintas formas
- Resistencia de algunos habitantes de los pueblos, su lucha por preservar sus lenguas, pienso en colectivos que se crean, ONG
- Territorio - definición e reconocimiento

- Procesos autonómicos. Dado que los Estados nacionales han combatido activamente la diversidad linguística, procesos que fortalecen la libre determinación repercuten positivamente en la recuperación y fortalecimiento lingüístico
- Intercambio de experiencias: Conocer las experiencias, metodologías y buenas prácticas de otros pueblos que están en el fortalecimiento de sus lenguas es fundamental. No hay nada nuevo bajo el sol
- Uso del idioma en los distintos niveles sociales (públicos) del país
- Prácticas en casa en la lengua originaria
- Identidad: el idioma o lengua es una parte
- Concientizar a los jóvenes en el idioma)
- Descolonizar las epistemologías
- Cambiar voluntad del opresor para dejar de realizar lingüicidio
- Codificación de los idiomas indígenas
- Actitud positiva o favorable de los hablantes ante el uso de su idioma en todos los ámbitos sociales
- Expresiones artísticas desde las más antiguas como las modernas (textiles, música, teatro, cine)
- Contar con una masa crítica suficiente que maneje la lengua y su escritura
- Sensibilizar la población monolingüe hablante de la lengua dominante: La población (sociedad civil) hablante de la lengua dominante puede ser una gran aliada para mejorar el estatus de las lenguas
- Organización y capacidad de movilización

A nuvem de palavras ao lado sintetiza e coloca em evidência algumas das ideias centrais trazidas pelos cinco grupos de diálogo sobre o que favorece o uso e fortalecimento das línguas indígenas. As palavras de maior tamanho correspondem àquelas mais mencionadas pelos(as) participantes.





# sinakan

Nome de grande guerreiro Maia.

## 04

## O que dificulta a continuidade das línguas indígenas e o que causa essas dificuldades?

# O que dificulta a continuidade das línguas indígenas e o que causa essas dificuldades?

Os obstáculos, desafios e dificuldades para manter línguas indígenas em pleno uso são diversos, especialmente em contextos de frequente interação com as línguas nacionais hegemônicas. Muitas dificuldades estão vinculadas à escolarização, aos meios de comunicação dominantes e à adoção de práticas políticas e religiosas que geram o abandono da língua indígena. O racismo estrutural e o preconceito, característicos de processos colonialistas ainda vigentes, também dificultam a preservação das línguas, como apontam os participantes do I EIDLI.

Durante o encontro, nos mesmos cinco grupos de diálogo, com a presença, em cada grupo, de seis participantes de diferentes povos indígenas, um(a) facilitador(a) e um(a) relator(a), perguntou-se sobre os fatores que dificultam o uso das línguas indígenas. Os participantes refletiram em silêncio e escreveram suas respostas em tarjetas, sem a intervenção das outras pessoas. Posteriormente, compartilharam as respostas e comentaram os resultados individuais.

Uma vez que todos expuseram as suas ideias, as tarjetas foram agrupadas de maneira participativa, tomando como critério a afinidade temática entre as respostas. Com a ajuda dos facilitadores, os participantes nomearam as categorias geradas e dispostas sobre a cartolina através de círculos contendo as respostas afins. O momento seguinte do diálogo teve como objetivo identificar coletivamente as causas das dificuldades que haviam sido expostas, tomando em conta os grupos temáticos gerados previamente. As causas das dificuldades para o uso das línguas indígenas foram discutidas oralmente e sintetizadas na mesma cartolina.

Apresentamos abaixo os resultados dos diferentes grupos, incluindo as respostas em espanhol geradas por participantes do México, Guatemala, Peru e Chile. Optamos por manter as respostas em sua integralidade, sem alterar o significado dos textos, para evidenciar a diversidade de conteúdos e formas presentes durante o diálogo.

## Fatores que dificultam o uso e fortalecimento das línguas indígenas e suas causas:

| **Grupo 1** | | |
|---|---|---|
| **Categorias (geradas coletivamente)** | **Fatores que dificultam o uso das línguas indígenas (respostas individuais)** | **Causas das dificuldades (identificadas e discutidas coletivamente)** |
| Formas de comunicação dominantes | • Língua portuguesa<br>• Internet, jogos na internet<br>• O uso da TV, com programações indevidas para a comunidade<br>• Uso de televisão de forma errada<br>• Músicas em português<br>• Falta de material na língua indígena<br>• Matriz curricular | • Poucos pesquisadores/ autores na elaboração de formas de comunicação |

| | | |
|---|---|---|
| | | • Criadores das tecnologias são dominadores<br>• Formas de comunicação não foram pensadas para comunidades indígenas<br>• Faltam estratégias de educação mais atrativas e na linguagem de jovens e crianças<br>• Procura por línguas indígenas pequena por parte de toda a população<br>• Não participação das comunidades na elaboração de políticas públicas |
| Interferências religiosas e de outros costumes | • Evangelismo nas aldeias<br>• Religião<br>• Casamentos interculturais<br>• O constante contato com os não indígenas<br>• Interferência de desconhecido na aldeia | • Imposição religiosa com violência<br>• Serviços 'sociais' são ofertados para as comunidades pelos religiosos<br>• Ausência de diálogos entre religiosos e comunidades |
| Falta de mais ações das próprias comunidades | • Matriz curricular<br>• Desinteresse por parte da população jovem com a questão<br>• Falta documentar e descrever | • Indígenas foram dominados/ colonizados<br>• Poucos pesquisadores/ autores na elaboração de formas de comunicação<br>• Criadores das tecnologias são dos dominadores<br>• Formas de comunicação não foram pensadas para comunidades indígenas<br>• Estratégias de educação mais atrativas e na linguagem de jovens e crianças<br>• Procura por línguas indígenas pequena por parte de toda a população<br>• Não participação das comunidades na elaboração de políticas públicas |



| | | |
|---|---|---|
| Algumas formas de organização própria das comunidades indígenas | • Divisão política<br>• Falta de união entre os representantes das aldeias | • Falta de diálogo entre as lideranças e instituições<br>• Não participação das comunidades na elaboração de políticas públicas |

**Grupo 2**

| Categorias (geradas coletivamente) | Fatores que dificultam o uso das línguas indígenas (respostas individuais) | Causas das dificuldades (identificadas e discutidas coletivamente) |
|---|---|---|
| **Sistema Estado** | • Não reconhecimento do valor de línguas e culturas como dignas de divulgação<br>• O não interesse em investir em pesquisa linguístico-cultural no país<br>• Burocracia<br>• O desconhecimento da existência da diversidade linguística no país<br>• Falta de apoio financeiro<br>• O desinteresse das grandes editoras em publicar materiais de línguas minorizadas | • Desconhecimento<br>Desigualdade social |
| **Contatos violentos** | • Colonização<br>• Perda de território<br>• Violência do estado contra os povos indígenas<br>• Ameaça aos direitos de auto-reconhecimento<br>• Contexto político | • Pressão de desvalorização da cultura<br>• Desvinculação do território<br>• Interesses econômicos predatórios<br>• Negação de existência<br>• Não reconhecimento de culturas diferentes: indígenas, minorias, povos da floresta |
| **Glotocídio e etnocídio** | • Desvalorização cultural<br>• Discriminação linguística<br>• Desrespeito: ignorar os direitos humanos de todos os povos indígenas de todos os lugares do mundo<br>• Omissão da fala: quando há resistência de manter a língua materna, não falar | • Egoísmo<br>• Falta de empatia<br>• Apropriação cultural |

| | | |
|---|---|---|
| | • Indiferença: A ausência de sensibilização da inclusão indígena na sociedade | |
| **Educação não-indígena** | • Falta interesse pedagógico dentro das instituições públicas e privadas<br>• Falta de incentivo a literatura indígena<br>• Ausência de educação indígena em universidades e escolas | • Português como língua comum |

| **Grupo 3** | | |
|---|---|---|
| **Categorias (geradas coletivamente)** | **Fatores que dificultam o uso das línguas indígenas (respostas individuais)** | **Causas das dificuldades (identificadas e discutidas coletivamente)** |
| **Compromisso e prática** | • Teoria sem prática<br>• Falta de prática no ambiente familiar<br>• Comprometimento das pessoas (famílias)<br>• Falta de disponibilidade e interesse da nova geração | • Valorização da língua dominante em detrimento das línguas originárias<br>• Desconhecimento e falta de informação sobre a importância da língua<br>• Desvalorização da língua materna<br>• Valorização da escrita e desvalorização da oralidade |
| **Falta de planejamento** | • Falta de planejamento linguístico do povo<br>• Não ter falante em toda a aldeia<br>• Desorganização (falta planejamento)<br>• Conhecer o status da língua (revitalização, vitalizar, atualizar) | • Carência de metas e de estratégias<br>• Dificuldade de elaboração de instrumentos de avaliação<br>• Falta de metodologias de abordagem no ensino de língua indígena |
| **Preconceito** | • Preconceito linguístico<br>• Individualismo<br>• Desrespeito às diferenças e diversidades<br>• A vergonha de falar a língua | • Negação de organização escolar do próprio povo<br>• Invasão, destruição, intervencionismo<br>• Esquecimento da questão indígena na matriz curricular<br>• Dificuldade de ser compreendido em sua especificidade no âmbito acadêmico |



| | | |
|---|---|---|
| **Falta de recursos** | • Falta de estrutura e apoio do Estado juntamente com Funai<br>• Pouco apoio do Estado<br>• Falta de financiamento | Não há uma política institucional de valorização das línguas |
| **Material didático** | • Falta de material pedagógico<br>• Produção de material didático<br>• Não tem material didático na língua<br>• Falta de livro na língua materna | • Necessidade de melhor sistematização das informações<br>• Dificuldade de produção e publicação |
| **Formação** | • Falta de estudo linguístico<br>• Formação específica em ensino de língua | • Inter-relação entre a capacitação linguística e a metodologia<br>• Necessidade de programas específicos de formação |

| **Grupo 4** | | |
|---|---|---|
| **Categorias (geradas coletivamente)** | **Fatores que dificultam o uso das línguas indígenas (respostas individuais)** | **Causas das dificuldades (identificadas e discutidas coletivamente)** |
| **Escola indígena x Escolarização indígenaw** | • Escola<br>• Projeto político pedagógico dos não-indígenas<br>• O afastamento quando criança dos indígenas, ao ter que sair da comunidade para a cidade, no âmbito de estudar<br>• Escolas "indígenas" - não reconhecimento dos projetos político-pedagógicos e matriz curricular<br>• O processo de ensino nas escolas<br>• Falta de acesso a materiais didáticos, produtos que tragam línguas indígenas<br>• Falta de material de apoio<br>• Falta de políticas públicas | • Atuação do Estado que descumpre com a legislação vigente<br>• Escola como um canal de hegemonia da cultura dominante<br>• Imposição de métodos, currículo colonialista |
| **Falta de planejamento linguístico** | • Falta de planejamento linguístico pelos indígenas | • Ausência do Estado desestimula uma articulação para um planejamento |

| | | |
|---|---|---|
| | • Desinteresse por parte dos indígenas em valorizar suas línguas<br>• Valorização de outra identidade (não a própria)<br>• Falta de políticas linguísticas para manter as línguas e linguagem de diferentes povos<br>• Durante a adolescência alguns indígenas se afastam da cultura<br>• Falta de incentivo de fortalecimento para a língua, tanto para os falantes fluentes para repassar para os demais<br>• Falta de assistência linguística para valorizar a língua<br>• Falta de contato com falantes de línguas indígenas | linguístico<br>• A educação que serve ao modelo capitalista desvincula o indivíduo de sua cultura |
| **Monolinguismo** | • Política linguística de monolinguismo do Brasil<br>• Imposição das línguas europeias (fatores econômicos)<br>• Contato com não indígenas<br>• Atuação de religiões de origem cristão, catequisando e convertendo povos religiosamente e para o idioma dominante, o português | • Redução de mundos<br>• Implementação de modelos de sociedade que não tem nada a ver<br>• Ideologia da superioridade europeia |
| **Políticas públicas e colonialismo** | • "Progresso" e "desenvolvimento" que eliminam o que não é interessante para o capitalismo internacional<br>• Globalização agressiva, impondo culturas externas em detrimento da cultura nacional<br>• Desinteresse dos governos em fortalecer povos indígenas e difundir suas línguas e culturas | • Reprodução de discursos colonialistas |



| Grupo 5 | | |
|---|---|---|
| **Categorias (geradas coletivamente)** | **Fatores que dificultam o uso das línguas indígenas (respostas individuais)** | **Causas das dificuldades (identificadas e discutidas coletivamente)** |
| **Colonialismo** | • Verguënza<br>• Racismo estructural<br>• Falta de conocimientos de las raíces propias<br>• Ausencia de conciencia<br>• Miedo | • Racismo estructural |
| **Estado nación** | • Modelo económico que homogeniza | • Colonialismo |

Para sintetizar as trocas realizadas, as respostas com os principais fatores que dificultam o uso das línguas indígenas foram convertidas na seguinte nuvem de palavras. As palavras de maior tamanho correspondem àquelas mais mencionadas pelos(as) participantes







Participantes desenham árvores colocando em suas raízes, troncos e galhos os fatores que dificultam o fortalecimento de suas línguas



# Xi wi meh

Mulher que cura, centelha, bola de fogo. Se relaciona a uma mulher que cura a população, sana, ajuda. Pela noite essa mulher se transforma numa bola de fogo e salva pessoas das mazelas. Com a colônia, essa palavra passou a referir-se às bruxas.

## 05 Estratégias para o fortalecimento das línguas indígenas

# Estratégias para o fortalecimento das línguas indígenas

O coração do I EIDL foi o diálogo realizado nos grupos para a identificação e criação de estratégias orientadas a fortalecer as línguas indígenas. Com base nas dificuldades agrupadas no primeiro dia, foram criados cinco grandes campos de ação:

**1.** Educação, **2.** Relação com o Estado, **3.** Organização interna dos povos, **4.** Território, **5.** Preconceito. Cada campo de ação foi apresentado em uma cartolina que continha as principais dificuldades ou desafios que foram identificados no dia anterior. Todos os participantes se integraram aos grupos por meio de critérios de afinidade temática, respeitando-se também o equilíbrio na distribuição do número de participantes por grupo. Realizou-se então o terceiro momento de diálogos, com uma etapa de escrita de estratégias individuais para os diferentes desafios, seguida de conversas em grupo a respeito das estratégias propostas. Os resultados a seguir de cada grupo de diálogo não segue ordem de priorização e preserva, em conteúdo e forma, as respostas dos(as) participantes.

**Grupo 1 Estratégias para o campo de ação EDUCAÇÃO**

| Desafios | Estratégias |
|---|---|
| Educação indígena em universidades e escolas;<br>O afastamento quando criança dos indígenas, ao ter que sair da comunidade para a cidade; Projeto político pedagógico dos não indígenas;<br>O processo de ensino nas escolas; Falta de interesse pedagógico dentro das instituições públicas e privadas; Escola;<br>Falta de espacios de enseñanza, reconocidos por los pueblos. Destinar espacios concientes; Escolas 'indígenas' - não reconhecimento dos projetos político-pedagógicos e matriz curricular. | • Reconhecimento das escolas indígenas por meio de pressão política das comunidade<br>• Criar espaços alternativos auto-gestionados de educação indígena, inicialmente com a educação infantil e primeiros anos do fundamental<br>• Retomar as 21 propostas aprovadas na 2ª Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena por organização política e pressão<br>• Alfabetização acontece uma vez só<br>• Conversar com a comunidade<br>• Imersão na língua: Ensinar a língua na própria língua em períodos específicos (onde for o caso)<br>• Línguas co-oficiais indígenas nos municípios e estados<br>• Territórios étnico-educacionais e fazer valer Decreto 2009 por pressão<br>• Reconhecimento dos projetos político-pedagógicos (PPPs) pelos conselhos municipais e estaduais de educação por meio de pressão política |
| Falta de material pedagógico; Falta de livro da língua materna; Não ter material didático na língua; Produção de material didático; Falta de acesso a materiais didáticos e produtos que tragam línguas indígenas; O desinteresse das grandes editoras em publicar materiais de línguas minorizadas; No escribir o codificar el idioma "gramática" | • Acessar e fortalecer instituições parceiras para produção de materiais educativos nas línguas<br>• Buscar meios próprios para impressão de materiais educativos<br>• Buscar auxílio nas universidades para viabilizar produção dos indígenas<br>• Creación audiovisual con lo que hay<br>• Tradução de artigos e livros pelos falantes da língua |

| | |
|---|---|
| | • Forçar os pesquisadores a fazer a tradução dos seus trabalhos nas línguas indígenas |
| Matriz curricular | • Fazer valer e implementar as legislações e resoluções já existentes em relação à educação indígena<br>• Pela resistência, fazer valer as construções dos PPPs nas escolas indígenas, independente dos reconhecimentos<br>• Forçar as instituições de ensino a criar políticas para as línguas indígenas<br>• Incentivar a tradução de textos e literatura universal para línguas indígenas<br>• Formar professores indígenas bilíngues |
| Falta de estudo linguístico; estudos acadêmicos | • Criar linhas de financiamento e recursos específicos para pesquisa sobre línguas indígenas<br>• Criar oficinas com práticas horizontais (epistemologias) de construção de conhecimentos linguísticos nas línguas<br>• Necessidade de formação em sócio-linguística, linguística aplicada<br>• Planejamento de corpos, status e aquisição das línguas indígenas<br>• Valorizar as próprias metodologias indígenas<br>• La universidad a través de los estudiantes deben tener participación política en la comunidad |
| Teoria sem prática | • Favorecer encontros com anciãos com narrativas e cantos nas línguas<br>• Ensinar via pesquisa em outros espaços além da escola<br>• Criar situações de aprendizagem que busquem resolver problemas das comunidades<br>• Centro de saberes tradicionais<br>• Fazer um canal de podcast na língua indígena local<br>• Levar alunos das escolas urbanas para conhecer os territórios e história indígena local |
| Falta de incentivo à literatura indígena; formação específica em ensino de língua | • Criação de licenciaturas específicas para cada língua indígena<br>• Incentivar a escrita de livros com narrativas, cantos, etc. nas línguas indígenas<br>• ormação sobre a legislação no tocante à causa indígena em todas as áreas e setores da sociedade |



**Grupo 2 Estratégias para o campo de ação RELAÇÃO COM O ESTADO**

| Desafios | Estratégias |
|---|---|
| El surgimiento de un mundo dividido en estado-nacionales con ideología monolingüe; Políticas de exterminio del estado hacia idiomas indígenas; Política linguística, monolingüismo no Brasil; falta de demarcação de Territórios Indígenas; burocracia. | • Mobilização e organização dos grupos<br>• Instituição específica para diversidade linguística<br>• Ações afirmativas para indígenas na estrutura do estado<br>• Ações afirmativas para garantir a representatividade indígena nas instâncias políticas<br>• Co-oficialização das línguas indígenas<br>• Criar conselho nacional indígena (representativo independente)<br>• Dar tratamento específico dentro das matrizes curriculares das línguas indígenas<br>• Reserva de vagas para políticos indígenas<br>• Garantir postos para tradutores indígenas<br>• Edital específico para indígenas locais |
| Descalificación o/y desconocimiento del estado de los pueblos, sus sistemas organizativos, lenguas, procesos; Estado protector; carencia de poder político para decidir; ameaça aos direitos de autorreconhecimento | • Reuniões regulares com representantes do governo<br>• Contratar profissionais indígenas por etnia<br>• Processo jurídico de indenização (compensação) para povos indígenas<br>• Federalização da educação escolar indígena<br>• Flexibilização/adequação das formalidades de contratação de indígenas<br>• Criação de universidades indígenas<br>• Autonomia em relação ao Estado<br>• Professores indígenas nas universidades |
| "Progresso e desenvolvimento" que eliminam o que não é interessante para o capitalismo internacional; modelo econômico que homogeniza; imposição das línguas europeias (fatores econômicos) | • Fomentar plurilinguismo<br>• Criação de emissora (TV), rádio e outros veículos multilinguístico<br>• Criação de um partido nacional indígena<br>• Produção de conteúdos nos mais variados meios de comunicação<br>• Partidos territoriales de cada pueblo<br>• Uma instituição autônoma<br>• Criar uma instituição de diversidade linguística com fundo próprio |

| | |
|---|---|
| Falta de promoción; no utilización pública en distintos niveles de la sociedad; não reconhecimento do valor de línguas-culturas como dignas de divulgação; falta de políticas linguísticas para manter as línguas e linguagem de diferentes povos; desinteresse dos governos em fortalecer os povos indígenas e difundir suas línguas e culturas; estrutura e apoio do estado juntamente com a Funai; assistência linguística para valorizar a língua; falta de incentivo de fortalecimento para a língua. Tanto os falantes fluentes para repassar para os demais | • Bilinguismo equilibrado (português como segunda língua instrumental)<br>• Traduções de obras de fora<br>• Realizar oficinas participativas nas comunidades (bases)<br>• Criar festivais nacionais que contemplem literaturas indígenas<br>• Desenvolver mais normas para assegurar direitos onde ainda não existe |
| Falta de financiamento; falta de apoio financeiro; falta de recursos para la producción de materiales necesarios para la revitalización y fortalecimento linguístico; falta de material de apoio; falta de políticas públicas | • Reconhecer projeto político-pedagógico e calendário das comunidades indígenas<br>• Promover la independencia por pueblos<br>• Buscar crear forma de satisfacer necesidades mediante mecanismos comunitarios<br>• Con visión plurinacional, los partidos políticos deben permitir la inclusión de pueblos indígenas en puestos de elección popular<br>• Que a "verba" (investimento) para a educação indígena não tenha que passar por tantas instâncias<br>• Captar recursos; dividir fontes de promoção do português<br>• Criação de mecanismos para financiamento da produção literária e audiovisual em língua indígena |

**Grupo 3 Estratégias para o campo de ação ORGANIZAÇÃO INTERNA DOS POVOS**

| Desafios | Estratégias |
|---|---|
| Desorganização (Falta de Planejamento); Falta de planejamento linguístico do povo; Conhecer o status da língua (Revitalizar, Vitalizar, Atualizar); Falta de documentar e descrever; Falta de planejamento linguístico pelos indígenas | • Realizar parcerias para apoiar a realização do planejamento linguístico<br>• Evitar a pulverização de iniciativas isoladas e buscar estratégias mais universais e combinadas entre aqueles envolvidos no planejamento linguístico<br>• Encontros/Oficinas de língua mediadas<br>• Que criem espaços para falar apenas em língua indígena |
| Divisão política; Falta de união entre os representantes das aldeias; Individualismo; Ausencia de la conciencia linguística, sobre todo en la dirigencia; valorização de outra identidade (não a própria); Contato com não indígenas; Casamento interétnico; O constante contato com os não indígenas. | • Aprimorar as formas de representação de modo que estes sejam reconhecidos pelos seus povos<br>• Formação política das lideranças<br>• Fortalecer la organización comunitaria<br>• Planificar acciones de corto, mediano y largo plazo<br>• Realização de assembleias internas para ajustes das demandas políticas<br>• Superar discórdias em prol do objetivo de valorizar língua e cultura |
| Falta de material na língua; Músicas em português; Interferência de desconhecidos na aldeia; Uso de televisão de forma errada; Internet; O uso da TV, com as programações indevidas nas comunidades; Jogo na internet; Língua portuguesa. | • Fazer parcerias com universidades e outras instituições para sistematização e elaboração de materiais<br>• Elaborar conteúdos advindos do próprio povo para ocupar as diferentes mídias (jogos, games, etc)<br>• Elaboração de materiais interdisciplinares<br>• Apoiar a produção de materiais de natureza didática e não só paradidático. Didático envolve: avaliação, metas, atividades, diferentes níveis de aprendizagem<br>• Incentivar a realização de oficinas que facilitem a elaboração de materiais que cumprem as demandas internas ao povo<br>• Os próprios indígenas produzirem os materiais didáticos<br>• Elaborar um projeto político pedagógico diferenciado |
| Atuação de religiões de origem cristã catequisando e convertendo povos religiosamente e para o idioma dominante, o português; Evangelismo nas aldeias (Religiões). | • A questão das línguas e sua preservação deve estar acima das diferenças religiosas. É necessário respeitar essas diferenças e incentivar o fortalecimento das línguas independente das religiões<br>• Incentivar o aumento do respeito às diferentes religiões, pois se trata de uma questão estrutural. É necessário ao professor saber dialogar com as realidades específicas dos alunos/estudantes<br>• Incentivar às comunidades a estabelecer espaços específicos para as práticas religiosas tradicionais (xamanismo, casa de reza, etc.)<br>• Tradução dos hinos na língua<br>• Comunicados internos na língua<br>• Regular a entrada e criação de novas igrejas nas comunidades indígenas<br>• Autonomizarse y fortalecer la libre determinación de los pueblos |

| | |
|---|---|
| Desinteresse por parte dos indígenas em valorizar a sua língua; Não ter falante em toda aldeia; Que los hablantes dejen de valorar el uso oral del idioma indígena; Durante a adolescência alguns indígenas se afastam da cultura; Falta de conocimiento de sus raíces; Desinteresse por parte da população jovem com a questão; Falta de disponibilidade e interesse da nova geração; Falta de prática no ambiente familiar; Comprometimento das pessoas (famílias). | • Elaboração de "boletins informativos" com conteúdos sobre oportunidades e direitos destinados aos jovens, inclusive com informações nas línguas, em diferentes mídias/ suportes<br>• Incentivar a realização de reuniões e palestras em que seja facilitada o intercâmbio entre diferentes experiências<br>• Realização de eventos, como por exemplo, o campeonato da língua e outras iniciativas lúdicas para mobilizar os jovens<br>• Incentivar a interdisciplinaridade para superar a resistência de alunos em relação ao ensino e utilização da língua<br>• Propiciar a realização de mais encontros regulares em que se aborde iniciativas de revitalização das línguas |

**Grupo 4 Estratégias para o campo de ação TERRITÓRIO**

| Desafios | Estratégias |
|---|---|
| Perda de território | • Recuperar o nome dos lugares em suas línguas próprias<br>• Oficialidade das línguas a partir do referencial dos povos<br>• Demarcar terra originária apontada pela comunidade e estudada pelo antropólogo<br>• La oficialidad debe garantizar la protección en un mismo territorio de todas las lenguas, en particular las pequeñas<br>• Recriação do mapa da região com identificação dos povos existentes<br>• Defesa do território com uma frente interdisciplinar e intersectorial<br>• Co-oficialização nos municípios<br>• Reconhecer territórios indígenas em áreas urbanas<br>• Escrever e identificar os nomes na língua materna de cada povo nas cidades<br>• Recuperar el nombre de los pueblos en idioma indígena para identificarlo como tal |
| | • Distribuir placas indicativas informando o nome das localidades escritas na própria língua<br>• Mapear territórios com línguas indígenas |
| Fatores contra el fortalecimiento lingüístico: un mundo ordenado por colonialismo, capitalismo e patriarcado; colonização; Globalização agressiva impondo culturas externa em detrimento da cultura nacional; los procesos de hegemonización cultural | • Escrever a própria história do território em idioma próprio<br>• Mudança curricular nas escolas e nos cursos de licenciatura<br>• Identificación, reconocimiento y devolución de sitios sagrados y arqueológicos para que sean administrados por los pueblos indígenas<br>• Realização de etnomapeamentos dos territórios indígenas, identificando os elementos de referência cultural e linguística dos povos<br>• Autonomias de facto |
| Violência do Estado com povos indígenas; El asesinato e despojo de nuestros territorios, desde nuestros cuerpos hasta las tierras donde habitamos o migramos | • Garantir o reconhecimento do território<br>• Declarar os territórios sagrados<br>• Reconhecimento dos lugares sagrados<br>• Autonomia indígena nos seus territórios |
| Migración | • Criação de incentivos econômicos para que os povos retornem para seus territórios<br>• Manter a conexão com a língua via redes sociais<br>• Trabalho de fortalecimento da identidade, enquanto povo e também com o território e a língua<br>• Manter a conexão das comunidades urbanas indígenas com as comunidades que estão no território<br>• Modificar o nome de ruas e escolas que têm referências do colonizador<br>• Organizar encontros de curandeiros em lugares importantes |

| Grupo 5 Estratégias para o campo de ação PRECONCEITO | |
|---|---|
| **Desafios** | **Estratégias** |
| Racismo estrutural; desrespeito (ignorar os direitos humanos de todos os povos indígenas, de todos os lugares do mundo); preconceito linguístico; discriminação linguística; desrespeito às diferenças e Diversidades. | • Denunciar e combater discursos de ódio e preconceito<br>• Professores indígenas nas universidades<br>• Organização/mobilização dos povos indígenas para exigir que suas línguas possam ser faladas<br>• Promoção do idioma nos lugares de trabalho<br>• Impulsionar iniciativas como a Maloca (UnB)<br>• Reivindicar que os Departamentos de letras das universidades incluam pelo menos uma língua indígena em seus currículos<br>• Promover a utilização da língua escrita em ambientes públicos como iniciativa dos próprios indígenas. Rotular os espaços públicos com o idioma indígena<br>• Viabilizar a operacionalização das leis e políticas que já existem e são direcionadas à diversidade Linguística<br>• Criar espaços virtuais para as línguas indígenas e sua divulgação.<br>• Mudar a maneira como a história dos indígenas é contada nas escolas e livros didáticos<br>• Inserção de indígenas multilíngues para atendimento aos indígenas nos serviços públicos, lojas, comércio para desconstrução do racismo.<br>• Educar população não-indígena sobre a diversidade linguística<br>• Pensar em formas de contratação de professores indígenas nas universidades para ensinarem nesse espaço suas línguas.<br>• Replicar a co-oficialização que já existe no estado do Amazonas em outros estados.<br>• Povos indígenas devem se articular para isso<br>• em nível estadual e municipal.<br>• Divulgação local da língua<br>• Utilizar as línguas indígenas nos espaços indígenas. Ex.: Colocar as línguas na Maloca (UnB) por escrito - evidenciar a língua<br>• Criação de um órgão específico para trabalhar, operacionalizar e efetivar as políticas linguísticas |
| O desconhecimento da existência da diversidade linguística no país; desvalorização cultural; La creencia de que la lengua solo es un rasgo de la cultura (folclor) y no un elemento que media todas las relaciones e interacciones humanas; Indiferença (ausência de sensibilização da inclusão indígena na sociedade; Falta de contato com falantes das línguas indígenas | • Criar palavras no próprio idioma para nomear palavras que só existem no português - criar novas palavras para não usar palavras na língua dominante<br>• Encontros de falantes nas cidades<br>• Elaboração de material sobre diversidade linguística para distribuição em todas escolas não-indígenas<br>• Ações micro-regionais para a revitalização<br>• Incentivar o uso das línguas indígenas nas escolas urbanas<br>• Estratégias para que a população conheça a diversidade<br>• Que sejam ensinadas línguas indígenas nas universidades<br>• Políticas para o reconhecimento e valorização das línguas indígenas nos municípios próximos às terras indígenas<br>• Insistir com o governo para que haja mais espaço para as línguas indígenas<br>• Seção específica para livros indígenas nas bibliotecas<br>• programas de rádio, televisão nas línguas e sobre as línguas que cheguem a toda a sociedade<br>• Criar a disciplina "Introdução à Diversidade Linguística no Brasil" para todos os cursos nas universidades<br>• Divulgação de projetos já existentes sobre línguas indígenas |
| | • Anúncios oficiais na televisão e na rádio feitos em línguas indígenas para mostrar a diversidade linguística<br>• Fazer exposições permanentes sobre a diversidade linguística<br>• Promover a língua em estabelecimentos comerciais |

| | |
|---|---|
| Vergüenza; miedo; omissão da fala (quando há resistência de manter a língua materna, não falar); vergonha de ter que falar a língua | • Estimular que se use a língua nos mercados comunitários<br>• Ocupar significativamente os espaços, placas e localidades com línguas locai<br>• Palestras nas universidades<br>• Espaço cultural na cidade<br>• Teatro com história do povo na língua indígena<br>• Espaço na televisão para que a língua seja falada<br>• Criar aplicativos interativos para celular para ensino, tradução, conhecimento da língua<br>• Criar museus sobre línguas indígenas nas comunidades<br>• Possibilitar que não-indígenas falem e aprendam línguas indígenas<br>• Promoção massiva, constante e permanente dos idiomas indígenas em todos os meios em todo o país<br>• Criar museus sobre línguas indígenas para guardar e dar visibilidade também e lugares turísticos<br>• Estimular dentro das próprias comunidades indígenas a valorização e divulgação de que há outras línguas indígenas faladas por outros povos indígenas |



Ilustrações contendo as causas das dificuldades que os povos indígenas enfrentam para fortalecer suas línguas são dispostos ao lado das estratégias para enfrentar essas dificuldades.



i tho
khe
ta

Início da mirada ou pai, aquele que vem antes. O pai representa o início da mirada, o começo do olhar daquele que chega ao mundo

# 06 Diversidade linguística indígena: lições aprendidas e horizontes futuros

# Diversidade linguística indígena: lições aprendidas e horizontes futuros

Ao analisarmos a situação das línguas indígenas, questões importantes se evidenciam: A situação de profunda assimetria entre as línguas indígenas e as línguas hegemônicas, o baixo prestígio social das línguas indígenas, a exclusão do sistema educacional oficial, a influência de religiões e de meios de comunicação de massa que levam a uma situação de homogeneização linguística. Além disso, a perda das línguas ou a situação de perigo de extinção se deve a fatores e condições socioeconômicas enfrentadas pelos(as) falantes, como a pobreza, a exclusão social e econômica, assimetria política, falta de reconhecimento e de efetivação de seus direitos.

A situação desigual entre as línguas indígenas (subalternizadas, minorizadas) e as línguas coloniais (hegemônicas) se deve a fatores históricos que culminaram em racismo e discriminação. Esses mesmos processos também são responsáveis pela instituição de políticas econômicas que interferem em territórios, organização social, identidades e consequentemente na vitalidade das línguas. Os usos das línguas indígenas nesse contexto vão se restringindo cada vez mais aos espaços privados e comunitários, enquanto as línguas hegemônicas nacionais são utilizadas nos outros espaços fora dos territórios indígenas, principalmente nos espaços de poder, decisão, conhecimento formal (escolas e universidades), administração pública, etc.

Assim, podemos destacar os seguintes fatores que mais causam o silenciamento das línguas indígenas: a escolaridade de crianças e jovens indígenas que não leva em conta as peculiaridades culturais de cada povo e nem sempre se dá de maneira intercultural e bilíngue; a inexistência ou ineficiência de políticas linguísticas e culturais que valorizem e incentivem o uso das línguas maternas; pouca presença das línguas indígenas na internet e redes sociais, bem como nos meios de comunicação em geral; baixíssima produção escrita nas línguas indígenas; racismo e discriminação em relação aos indígenas; transmissão intergeracional prejudicada ou enfraquecida pela escolarização; impossibilidade do uso das línguas indígenas nos ambientes públicos, tornando o mesmo restrito aos domínios domésticos e familiares.

Apesar dos grandes desafios identificados pelos(as) participantes do I EIDLI, as múltiplas estratégias propostas para fortalecer a diversidade linguística por meio da educação, das relações com o Estado, da organização interna dos povos, da gestão dos territórios e da superação do preconceito delineiam caminhos de ação promissores. A implementação dessas estratégias depende de atores diversos e de esforços conjuntos em diferentes âmbitos da vida coletiva. O conhecimento das diferentes causas que geram os presentes obstáculos também contribuem para a implementação efetiva das propostas estratégicas aqui compartilhadas.

Além dos numerosos aprendizados específicos sobre os desafios da diversidade linguística na América Latina, o I EIDLI nos permitiu aprender vivencialmente que o diálogo intercultural e a criação de redes solidárias são fundamentais para superar os graves riscos que a maioria das línguas indígenas enfrentam na atualidade. A reunião de membros de povos indígenas cujas línguas estão ameaçadas visando ao intercâmbio de experiências como as aqui documentadas é imperante e se encontra com desafios políticos, financeiros,

logísticos, etc. Inúmeros detalhes relacionados à organização de grandes encontros como este também podem ser melhor atendidos pelos(as) facilitadores(as), refinando aspectos metodológicos para potencializar uma participação ainda mais plural, crítica e construtiva. Apesar de todas as dificuldades inerentes a estes processos, destacamos a enorme relevância de diálogos interculturais como este para o fortalecimento das línguas indígenas e para a construção de políticas públicas pertinentes e eficazes.

O futuro da diversidade linguística indígena é tão incerto como o futuro da própria humanidade. Esta incerteza se vê intensificada pela pandemia de COVID – 19 que marca a nossa história coletiva no planeta, como um efeito complexo da devastação socioambiental e como uma causa, entre outras, da redução do número de falantes de línguas indígenas. Diante da gravidade e amplitude deste panorama de incertezas e perdas, talvez o impacto de encontros como o I EIDLI seja ínfimo. Apesar do avanço avassalador da política econômica e cultural dominante sobre os territórios indígenas e da subsequente homogeneização das formas de vida e visões de mundo, estamos convencidas e convencidos de que é necessário agir, de todas as maneiras possíveis, em prol das diversidades (linguísticas, culturais, biológicas) que sustentam a vida, física e imaterial, das populações indígenas e não indígenas. Talvez, mais que nunca, seja importante reconhecer que a incerteza também nos oferece margens de ação para transformar políticas públicas, processos comunitários, organizativos, econômicos e acadêmicos, orientando-os a um futuro com mais justiça e bem estar para todas e todos.



## Avaliando o nosso encontro

Valorar a experiência coletiva através da reflexão individual permite conhecer a diversidade de sentidos associados ao vivido, celebrar os frutos do encontro e aprender com as falhas, de modo que possamos aprimorar as estratégias futuras de diálogo. Apresentamos aqui alguns resultados desse exercício de avaliação do I EIDLI. Vinte e cinco participantes responderam o questionário.

### Quais foram os principais aspectos positivos do Encontro?

- Os conhecimentos sobre as lutas das demais pessoas e troca de experiências inspiradoras
- Análise das razões das perdas das línguas indígenas
- Geração de estratégias para o fortalecimento das línguas
- A disposição de todas e todos para dialogar, trocar experiências e aprendizados
- A metodologia que promoveu uma interação próxima entre os(as) participantes
- A diversidade de povos presentes

## O que poderia melhorar?

- Ter mais tempo para conhecer melhor os processos, discutir ideias e propostas
- Dar continuidade ao processo iniciado, gerando outros eventos para fortalecer a aliança entre povos originários
- Trazer membros de mais povos indígenas para o encontro
- Convidar autoridades indígenas e não-indígenas a eventos deste tipo
- Incluir mais experiências culturais no evento

## Como o encontro contribuiu para o trabalho que você realiza?

- Retorno ao meu povo com muitas ideias para trabalhar com atenção e sensibilidade com a minha língua. Vou fortalecida para que a minha língua não morra.
- Contribui para a união com outros povos indígenas para promover a cultura de cada povo pela língua, identidade, educação e defesa do território
- Me permitiu compreender a realidade de diferentes povos e me deu mais conhecimentos para a luta que desenvolvemos no território Maya
- Aprendi estratégias para aplicar no meu contexto e praticar ações de conhecimento de políticas indígenas na escola ou comunidade.
- Trouxe muitas dicas de manutenção da língua a curto prazo. Me fez acreditar que é possível revitalizar a língua materna.
- Contribui para um maior entendimento das dificuldades e potenciais relacionados à valorização da diversidade de línguas indígenas.
- Contribuiu muito para fazer uma educação na minha comunidade com mais força. Mergulhar na língua materna.




# 07 Caixa de ferramentas: para continuar o diálogo

# Caixa de ferramentas: para continuar o diálogo

Com o intuito de contribuir para a difusão da temática e de projetos relacionados à diversidade linguística, indicamos endereços de sites, blogs, perfis em redes sociais e outras plataformas que trazem mais informações sobre os projetos realizados pelos participantes do I EIDLI, bem como parceiros e outros desenvolvedores de conteúdos relacionados aos temas abordados durante o Encontro. Infelizmente, nem todas as iniciativas apresentadas durante o Encontro possuem sites, pois alguns projetos são desenvolvidos localmente, apenas no âmbito das comunidades, e ainda não estão presentes no ambiente virtual.

## Links de projetos realizados por vários(as) dos(as) participantes do I EIDLI:

Axenon Ikanwe - Rádio comunitária shipibo :
https://www.facebook.com/axenon.ikanwe.5

Universidade Maya Kaqchikel:
https://www.facebook.com/universidadmayakaqchikel/

Colectivo Cultural Náhuatl "Nikan Tipowih":
https://es-la.facebook.com/NikanTipowih

Colegio Mixe (COLMIX):
https://www.facebook.com/colmixe/?ref=bookmarks
https://colmix.org/

Blog do Campeonato da Língua Paumari:
http://sites.google.com/site/campeonatonalinguapaumari

Programa de Valorização das Línguas Indígenas de Roraima:
https://www.facebook.com/pages/category/Art/Programa-de-Valoriza%C3%A7%C3%A3o-das-Linguas-Indigenas-de-Roraima-109782514043306/

## Outros sites de nossos parceiros e instituições que disponibilizam dados e conteúdos relacionados à Diversidade Linguística:

Inventário Nacional da Diversidade Linguística - INDL/ IPHAN:
http://portal.iphan.gov.br/indl

Anais do Seminário Ibero-americano de Diversidade Linguística:
http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Anais5_Seminario_Iberoamericano_de_Diversidade_Linguistica_.pdf

Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da UnB:
https://www.facebook.com/LALLIUnB/

Site do Segundo Congresso Internacional de Revitalização de Linguas Indígenas e Minorizadas:
https://www.cirlin.com/lalli

Edição da Revista eletrônica Das Questões sobre o tema Línguas indígenas e naturezas. Desafios frente à perda de mundos:
https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/issue/view/2055

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú:
http://www.etnolinguistica.org/

Projeto Aldevan Baniwa: semeando histórias indígenas da Amazônia.
http://www.etnolinguistica.org/brilhos:index

Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Políticas Linguísticas (IPOL):
http://ipol.org.br/

Grupo de Pesquisas Indiomas/Unicamp - "Conhecimento de línguas indígenas brasileiras na relação Universidade & Sociedade":
http://indiomas.iel.unicamp.br/

Revista LIAMES: Línguas Indígenas Americanas:
https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames

Centro de Documentação de Línguas Indígenas:
http://www.museunacional.ufrj.br/dir/celin.html



Departamento de Lingística do Museu Paraense Emilio Goeldi:
http://linguistica.museu-goeldi.br/?page_id=205

Atlas mundial das línguas em perigo - UNESCO:
http://www.unesco.org/languages-atlas/

Endangered Languages - Go Compare
https://www.gocompare.com/travel-insurance/endangered-languages/

Atlas sociolingüístico de pueblos indígenas en América Latina y el Caribe:
https://www.unicef.org/lac/informes/atlas-sociolinguistico-de-pueblos-indigenas-en-ALC

IBGE - Censo indígena 2010:
https://indigenas.ibge.gov.br

Conferencia magistral ante el Congreso Regional sobre Lenguas Indigenas en America Latina y El Caribe. Cuzco, Peru - Septiembre 2019, por Luis Enrique Lopez:
https://www.researchgate.net/publication/336146115_Situacion_general_de_las_lenguas_indigenas_y_politicas_gubernamentales_en_America_Latina_y_el_Caribe




# 08 Participantes do Encontro

# Participantes do Encontro

Por ordem alfabética, apresentamos brevemente os participantes indígenas que compartilharam sua palavra-pensamento durante o I Encontro Internacional sobre Diversidade Linguística Indígena:

## Alessandra Alves de Arruda

Mulher indigena do povo Guato do Brasil. Promove desde 2016 oficinas de revitalizacao da lingua indigena Guato visando o fortalecimento da identidade cultural do seu povo.

## Altaci Corrêa Rubim/Tataiya Kokama

Participa do movimento de fortalecimento da língua e da cultura Kokama, que começou na década de 1980 e até os dias atuais tem lutado para não deixar um dos principais aspectos de sua identidade adormecer. Participa ou auxilia a realização de inúmeras ações realizadas pelos próprios Kokama com a parceria de organização governamental e não governamental, como formação de professores, realização de oficinas, produção de materiais didáticos físicos e digitais, jogos pedagógicos, aplicativos, animações das narrativas Kokama, intercâmbio com falantes Kokama do Peru, cursos da língua Kokama via WhatsApp, gravação de músicas tradicionais e atuais, entre outras. Além de construções de novos espaços para língua: centros de ciências e saberes Tradicionais, Centro de Educação Escolar Indígena, escolas municipais e estaduais e outros espaços educativos da comunidade.

## André Jaboti Djeomitxi

Indigena do povo Djeomitxi do Brasil, trabalha com a producao de livros didaticos na lingua djeomitxi com o objetivo de fortalecer a lingua e a cultura de seu povo.

## Braulina Aurora Baniwa

Mulher indígena, pesquisadora e estudante do povo Baniwa, bacharela e mestranda em Antropologia Social pela Universidade de Brasília. Ativista do movimento Indígena, foi presidente da associação dos Acadêmicos Indígenas da Universidade de Brasília - AAIUnB. Defensora de questão de Gênero e sexualidade indígena e atuante na discussão sobre o racismo institucional, violência contra mulher, invisibilidade de estudantes indígenas na universidade. Roteirista de documentários indígenas, defensora do protagonismo de indígenas. Articuladora de Antropólogos indígenas no Brasil, juntamente com os demais estudantes indígenas, é membra fundadora da Articulação Brasileira de Indígenas Antropólogos - ABIA.

## Cíntia Maria Santana da Silva

Mulher indígena do povo Tenetehara/Guajajara do Brasil, faz parte da Articulação das Mulheres Indigena do Maranhão - AMIMA e atualmente atua na Secretaria Executiva da mulher e família,  pela COIAB. Realiza um trabalho de revitalização da língua e cultura tenentehara. O seu trabalho busca  aumentar o domínio da escrita e língua nativa para que haja a documentação dos saberes ancestrais e o  registro da ortografia da língua Guajajara para serem trabalhados na sala de aula. Documenta além das narrativas os cantos do povo tenetehara que em algumas aldeias já não praticam mais as festas tradicionais.

## Edilson Martins Melgueiro (Kadakawali)

Indígena no povo Baniwa da comunidade de Wanalina (Assunção do Rio Içana), estudante de Doutorado na área de Linguística na UnB, liderança indígena e professor, fez parte da diretoria da FOIRN em 2000 a 2004, quanto discutiu-se e aprovou-se a co-ofialização das três línguas indígenas de São Gabriel da Cachoeira. Paralelo a isso, trabalha com professores falantes para unificar a sua grafia e produzir materiais didáticos, traduções de documentos, formação dos professores. Concluiu em 2009 tese de mestrado bilíngue (português e nheengatu) sobre a língua Baníwa: Sobre a natureza, expressão formal e escopo da classificação linguística das entidades na concepção do mundo dos Baníwa, na Universidade de Brasília.



## Evelyn Teixeira Nery

Mulher indígena do povo Piratapuya do estado Amazonas, graduada em nutrição e pós-graduada em desenvolvimento sustentável, área de concentração: Sustentabilidade junto a Povos, Territórios Tradicionais - Universidade de Brasília

## Ezequiel Barroso

Indigena do povo Macuxi do Brasil. Faz parte do projeto "Uyeeserukon": nossos costumes, de revitalizacao das linguas indigenas macuxi, wapichana e taurepang com o objetivo de resgatar, valorizar, fortalecer e estimular o interesse dos alunos pelos os costumes indigenas em escolas municipais.

## Gabriela Citlahua Zepahua

Mulher indígena do povo Nahua do México. Faz parte do Coletivo cultural Nikan Tipowih e esteve à frente da criação de uma escola comunitária onde as crianças aprendem a falar a língua náhuatl e têm acesso ao conhecimento e à visão de mundo desse povo. Esta escola comunitária surgiu a partir do desenvolvimento de um projeto de pesquisa em sua comunidade chamado Itlaketzalwan tosentlachialis (o que sustenta nossa visão de universo) que tinha como objetivo identificar os elementos de identidade indígena. Também faz parte de uma Rede de Promotoras dos

Direitos Humanos das Mulheres Indígenas (REPRODMI) na sua região com a função de acompanhar as mulheres em seus processos de acesso à justiça em sua língua materna. Participa de forma voluntária como intérprete nos espaços acadêmicos e comunitários da sua cidade, a fim de promover o uso da sua língua.

## Geraci Aicüna dos Santos Mendes

Mulher indigena do povo Tikuna do Amazonas, regiao de fronteira entre Brasil, Colombia e Peru. É estudante de graduação do curso de nutricao na Universidade de Brasilia.

Como a grande maioria dos indigenas Tikuna, fala e escreve na sua lingua materna e tambem e falante das linguas portuguesa e espanhola devido a convivencia da familia nos tres paises (Colombia, Peru e Brasil). Participou do projeto UnB idiomas lecionando aulas de lingua Tikuna e contribuindo para o conhecimento das linguas indigenas e da diversidade linguistica na Universidade.

## Iram Kav Sona Gavião

Indígena do povo Ikólóéhj-Gavião. Participa de projetos desenvolvidos pela Universidade em parceria com SEDUC e comunidade com foco na formação de professores dentro de uma perspectiva de valorização cultural e linguística. Realiza com a comunidade um projeto voltado ao fortalecimento da festa tradicional dos Gojanej ,também participou do projeto de Extensão com a UNIR que tinha como objetivo estudo da língua, do projeto Saberes Indígenas na Escola (MEC/UNIR/ SEDUC). Todos  projetos com o objetivo de valorização cultural e linguística.

## Juan Geremias Castro Simón

Indígena do povo Maya Chalchiteko da Guatemala. Como advogado, está à frente de uma ação judicial estratégica que busca promover a educação intercultural bilíngue como um direito humano das crianças para preservar a sua cultura e a sua forma de ver a vida. Tal ação obteve êxito perante o Tribunal Constitucional, embora sua implementação seja difícil. Dirige um Escritório de Advocacia para Povos Indígenas e já atuou na Associação de Advogados Maias e no Escritório do Alto Comissariado das Nações Indígenas para os Direitos Humanos da Guatemala.

## Kamuu Dan Wapichana (Filho do Sol)

Estudante de Gestão Ambiental na Universidade de  Brasília, escritor, contador de histórias,  educador sócio-ambiental popular, permacultor, nascido em na capital de Boa Vista-RR, de origem do Povo Wapichana. Kamuu tem dois livros publicados e mais 13 histórias aguardando para ganhar espaço. Foi premiado três vezes pelo Concurso Tamoio para escritores indígenas: 2015, 2017 e 2019. Amante da natureza e da cultura medicinal tradicional, vem se dedicando também aos estudos das plantas medicinais e seus diversos usos fitoterápicos.

## Ketty Janeth Gonzales Cervantes

Mulher indígena do povo Shipibo-Konibo do Peru. Faz parte da Asociación Raíces Indígenas Amazónicas Peruanas - ARIAP e faz parte do projeto Axenon Ikanwe, que realiza um programa de rádio na língua shipibo-konibo tratando de diversos temas na língua indígena, incentivando dessa maneira o uso do idioma.

## Maike Torres de Sá

Indígena do povo Fulni-ô, Brasil. Realiza autonomamente projetos para o incentivo da preservação dos costumes tradicionais do povo Fulni-ô, incluindo a língua, tendo como público principal os jovens de sua comunidade.

## María Antonieta Gonzáles Choc

Mulher indígena do povo Maya Kaqchikel da Guatemala. Faz parte da Universidad Maya Kaqchikel, Guatemala, instituição acadêmica comunitária de estudos superiores criada por pessoas das comunidades Maya Kaqchikel. Além disso coordena projetos de capacitação e formação de Recursos Humanos em Educação Bilíngue (Língua Maia e Espanhol) com entidades governamentais, universidades e Organizações Não Governamentais. Também escreve textos educativos e poesia na lingua Maia Kaqchikel.



## Marinildes Kariri-Xocó

Mulher indigena e artesã do povo Kariri-Xoco de Alagoas. Vive na Reserva Indigena do Bananal em Brasilia. Participa do projeto "Vivencia Kariri-Xoco" de divulgacao cultural em parceria com professores e professoras das escolas da rede publica de ensino do Distrito Federal com o objetivo de levar aos/as estudantes de Ensino Fundamental, Medio e Ensino de Jovens e Adultos a sua cultura por meio de apresentacoes de palestras sobre a historia e a resistencia indigenas desde o descobrimento do Brasil. cantos, dancas, artesanato, culinarias e oficinas de outras atividades tradicionais do seu povo.

## Nayra Paye Pereira Kaxuyana

Mulher indígena do povo Kaxuyana, da Terra Indígena Parque do Tumucumaque, localizado na fronteira do Pará e Amapá (Brasil). Cursa graduação em geografia na Universidade de Brasília e é presidente da atual gestão da Associação dos Acadêmicos Indígenas da Universidade de Brasília (AAIUnB). Foi estagiária no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), sede de Brasília, atuando junto a equipe do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL).

## Nubiã Batista da Silva Tupinambá

Mulher indígena do Povo Tupinambá de Olivença em Ilhéus, Bahia. Pedagoga, atuou como Educadora Popular no âmbito da Educação não Formal, em programas sociais de Alfabetização de crianças, jovens e adultos . Atuou como professora primária, coordenadora estadual da educação Escolar Indígena, como Auxiliar pedagógica da Fundação de Administração e Pesquisa Econômico-Social. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Escolar Indígena, Educação Popular e Direitos Humanos. Mestre em Linguística pela UnB com o título da pesquisa "Identidades, vozes e presenças indígenas na UnB: sob a ótica da Análise de discurso crítica". Atualmente é douturanda em Linguística pela UnB e membro da Associação dos Acadêmica da Universidade de Brasília- AAIUNB e do Conselho Indígena do Distrito Federal.

## Potyra Terena - Eliane Alves Lima dos Santos

Mulher indígena do povo Terena do Mato Grosso do Sul, atualmente vive em Brasília onde atua como professora da Secretaria de Estado de Educação do DF. Faz parte do Conselho Indígena do DF - uma organização independente. É pedagoga e também formada em letras (LIBRAS) e gestão ambiental. Pós-graduada em Orientação Educacional, Ensino Especial, Psicopedagogia Clínica e Institucional e Gestão Pública.



## Rosileide Barbosa de Carvalho Guarani

Mulher indígena do povo Kaiowá do Mato Grosso do Sul, professora e pesquisadora graduada em letras e licenciatura indígena, mestra em linguística, doutoranda no programa de pós-graduação em linguística da Universidade de Brasília, tem se dedicado à sua pesquisa iniciada no mestrado para construção de um dicionário kaiowá monolíngue baseado no registro das narrativas, palavras e cantos sagrados e usos cotidianos da língua materna do seu povo.

## Victor Domingo Naguil Gomez

Indígena da nação mapuche do Chile. Pesquisador de pós-doutorado sobre o tema "língua e mobilização política", tendo como foco o caso Mapuche no período de 2008-2018; Como ativista, é membro da Mapuzuguletuaiñ, uma organização dedicada ao ensino de mapuzugun para adultos com o objetivo de revitalizar a língua para aumentar o número de falantes e promover a ocupação de todos os espaços sociais e institucionais através da língua.

## Yasnaya Elena Aguilar Gil

Mulher indígena do povo Ayuujk (Mixe) do México - Faz parte do COLMIX (Colegio Mixe), um grupo de jovens Mixe que desenvolve atividades de pesquisa e divulgação sobre a língua, história e cultura Mixe. Desenvolve conteúdo

gramatical para materiais educacionais e de alfabetização em línguas indígenas no Instituto Nacional de Educação de Adultos, participa de projetos de documentação e descrição gramatical para Mixe e documentação das línguas da família Yumana. Coordenou e participou de projetos de divulgação da diversidade linguística, reuniões sobre ativismo digital em línguas indígenas, promoção dos direitos linguísticos e workshops de tradução.

## Facilitadores(as) e relatoras

Ananda Machado
Amanda Sucupira
Flora Campos
Marcus Garcia
Marília Amaral
Nayra Pereira Kaxuyana
Paulo Peters
Sabrina Silva
Sônia Florencio
Thaís Werneck

## Coordenadora metodológica:

Juliana Merçon



2019 | ANO INTERNACIONAL DAS
Línguas Indígenas

INDL
10 ANOS

Este livro foi composto com a família da fonte Museo Slab.

Universidad Veracruzana

UnB

IPHAN
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

GOVERNO
FEDERAL

Edições IPHAN